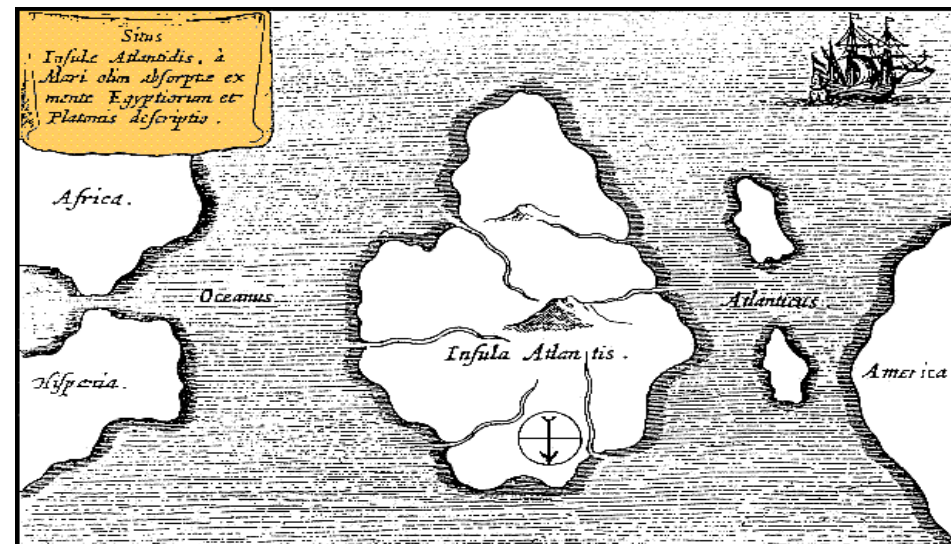


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 1 Edição março 2010
DEDICADO A CRISTÓVÃO DE AGUIAR



CADERNO Nº 1 Edição março 2010

DEDICADO A CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número

Coord. Helena Chrystello e Rosário Girão

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

- revisto janeiro de 22



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo.

Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS**

CONTEMPORÂNEOS que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**.

Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988).

..”assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”. Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² adotando a designação feliz utilizada por Álamio Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

-
- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
 - Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
 - Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
 - Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”
-

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a [mini-bibliografia](#), disponível no nosso portal www.lusofonias.net. Existe uma versão alargada com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a lançar em livro em 2017, destinada a consulta exclusiva dos associados da AICL. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Bragança 2009 12º colóquio





Biografia

Cristóvão de Aguiar nasceu no Pico da Pedra, São Miguel, em 8 de setembro de 1940. Aí fez os seus estudos elementares, na Escola de Ensino Primário da freguesia. Concluídos os exames do 2.º grau e de admissão aos liceus, matricula-se no então Liceu Nacional de Ponta Delgada, cujo curso complementar de Filologia Germânica conclui em julho de 1960.

Durante os últimos anos do liceu, colabora, em verso e prosa, nos jornais locais. Parte nesse mesmo ano para Coimbra, onde ingressa no Curso de Filologia Germânica da Faculdade de Letras da sua Universidade.

Em janeiro de 1964, interrompe o curso universitário por ter sido chamado a frequentar o Curso de Oficiais Milicianos, em Mafra, que termina em agosto, com a promoção a Aspirante. Após uma curta passagem pelo Regimento de Infantaria 15, em Tomar, é mobilizado para a guerra colonial, na então província da Guiné, para onde parte, em abril de 1965, com a sua companhia de caçadores. Um mês antes do embarque, publica um livrinho de poemas, *Mãos Vazias*, que pouco ou nada abona em seu favor.

Regressa da Guiné, cansado e casado com um filho, em janeiro de 1967, e após um ano e meio de luta interior contra a doença e o desânimo consegue concluir as cadeiras do Curso de Filologia Germânica, indo de imediato lecionar para a então Escola Comercial e Industrial de Leiria. Aí permanece um ano e meio, regressando a Coimbra para escrever a sua tese de licenciatura, *O Puritanismo e a Letra Escarlate*, que apresenta em junho de 1971, obtendo assim o grau de licenciado em Filologia Germânica.

A experiência da guerra forneceu-lhe material para um livro posterior, incluído ao princípio em *Ciclone de setembro* (1985), de que era uma das três partes, autonomizado, depois, com o título de *O Braço Tatuado* (1990).

Foi durante quinze anos redator da revista *Vértice*, de Coimbra (1967-1982), tendo, nesse último ano, organizado um número duplo, especial, sobre a cultura açoriana.

Depois do 25 de abril, colaborou na então Emissora Nacional com a rubrica semanal "Revista da Imprensa Regional" (1974-1975), que suscitou muita polémica e alarido nos meios eclesásticos e reacionários da época.

De 1972 até 2002 foi Leitor de Língua Inglesa da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, estando neste momento aposentado.

Durante a sua carreira literária, ganhou os seguintes prémios: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa (1978), com o livro *Raiz Comovida I, a Semente e a Seiva*; Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE /CMP (1999), com *Relação de Bordo I* (1964- 1988), *diário ou nem tanto ou talvez muito mais*; Prémio Nacional Miguel Torga / Cidade de Coimbra (2002), com o original *Trasfega, casos e contos* e quatro anos mais tarde com *A Tabuada do Tempo, a lenta narrativa dos dias*, 2006. Foi agraciado pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, com o grau de comendador da Ordem Infante Dom Henrique (3 de Set. 2001). Faleceu em 2020.

LAGOA 2009 11º COLÓQUIO





AUTOBIOGRAFIA

Cristóvão de Aguiar, escritor, usa também o nome de Luís Cristóvão Dias de Aguiar. Nasceu na Ilha de São Miguel numa altura em que o calendário apontava o dia 8 de setembro de 1940. Procede de uma nobre estirpe de artesãos, músicos, poetas repentistas e agricultores. O escritor foi parido em Coimbra muito mais tarde, num dia impreciso de março de 1965, três semanas antes de o cidadão que lhe abonava o corpo ter zarpado para a guerra colonial. Com pânico de morrer sozinho no mato sem deixar casta, o futuro combatente sangrou-se em saúde e propagou-se em livro. Parto prematuro, à custa de ferros. O nascituro merecia desmancho em boas condições higiénicas numa clínica especializada das letras. Acabou o livrinho por sair, ficando um monstro para sempre. Enamorado, o pai deu-lhe o nome de *Mãos Vazias*. Voluminho esvaziado de tudo, até da mais rudimentar poesia.

Já entrado nos quarenta, a sua idade mental não vai além dos catorze. Muito longe desse evento, o rapaz que fui cresceu e medrou inteiro como o seu nome civil. Frequentou a escola elementar na freguesia do Pico da Pedra, a meio caminho entre a velha Vila da Ribeira Grande e a cidade de Ponta Delgada. Pouco antes de se matricular no Liceu, já seu Pai havia emigrado para a Ilha Terceira, a América pequenina. A outra era um sonho que só alguns tinham a dita de alcançar. Na Base americana o Pai foi torneiro mecânico, para

o supreio da família e pagar os estudos ao filho hospedado na cidade. O afastamento do concheio de casa e da freguesia tornara-se imperativo. A primeira perda e separação.

A entrada no palácio do Liceu deve ter sido o primeiro grande *tsunami* que amargou ainda de calças curtas. Até o racharam de cima a baixo. Logo no início da aventura escolar, só o *Cristóvão* passou a valer no seio da nova e estranha comunidade. O prenome *Luís*, por que era conhecido e chamado, ficou submerso. Só para a gente da freguesia e parentela mais chegada tinha a dignidade de estatuto vocativo. Havia quem se arriscasse ao chamamento cristão inteiro: *Luís Cristóvão*. Vozes isoladas que não ecoavam no íntimo. Continua hoje enchendo dois nomes, como se vivesse em duas casas. O aluno medroso haveria de ficar para sempre cindido. Passou o *Cristóvão* a ser o contraponto do *Luís* ou vice-versa. As leviandades de um, justificadas pelas aparentes virtudes do outro, numa peleja de vizinhos desavindos a habitarem a camisa-de-forças do mesmo corpo. Concluíram o sétimo ano de letras em 1960.

Deverá ter sido o *Cristóvão* quem, na sua excentricidade sonhadora, fez atrasar o curso liceal, arrastando-o durante uma novena de anos. Gostava de namorar e de faltar às aulas. Ia ao encontro da vida para colher as flores que a escola só lhe concedia, murchas e compendiadas, em livros únicos e maçudos. Não quis ir sozinho. Levou consigo o *Luís*. E foi o *este* quem pagou a conta calada exibida pelo pai ao regressar da emigração de-aopé-da-porta. Passou a trabalhar na oficina de serralharia, para que aprendesse a arte do ferro e ficasse do mesmo passo ciente do quanto custava a vida. O *Cristóvão* fazia pouco caso das admoestações e dos conselhos do companheiro de rés-do-chão. E acabou por ter sorte. A seguir a umas férias grandes, deixou o *Luís* por um bambúrrio de ser aprendiz de serralheiro para prosseguir os estudos. Foram bons alunos daí em diante e mais tarde dispensaram do Exame de Aptidão à Universidade. Na noite de 10 de outubro de 1960, zarpámos da Ilha a bordo do *Lima* e chegámos a Lisboa na manhã do dia 15. Um prodígio de velocidade só possível à tecnologia de ponta em vigor na época. À medida que o navio subia o Tejo rumo ao Cais de Santos, ao *Cristóvão* bailavam-lhe os olhos. O *Luís* terá tido uma sensação de rural perante o rio que ambos sabiam da geografia papeada; a cidade de Lisboa, branca, apertada nas sete colinas, parecia sair das páginas dos livros de estudo para se postar, ali defronte, juntamente com um comboio em louca correria sobre a linha férrea de Sintra, entrevisto pela primeira vez, que, na Ilha, só se avistavam navios... Pena, pensava o *Luís*, não se poder vislumbrar o famoso retângulo de oitenta e nove mil quilómetros quadrados, dentro do qual Portugal inteiro se acolhia ou encolhia — o mapa saíra da sala de aula da escola elementar para há muito se emoldurar dentro dele...

O *Cristóvão* acrescentou: “Sim, o mapa estava muito perto da santíssima trindade: os retratos de Salazar e de Carmona, mais o crucifixo de latão no meio de ambos...” Às sete e vinte e cinco da noite partiam de Santa Apolónia, no *Foguete*. O único comboio que só parava numa estação antes de Coimbra, a de Fátima. Muito fácil não haver engano — na segunda paragem era obrigatório descer. Havia novatos das Ilhas que se apeavam na

Mealhada ou ainda mais arriba...Na Estação Velha, o *Luís* sentiu-se abandonado. Não percebia as palavras difundidas pelos altifalantes. Sabia que tinha de mudar para chegar à Estação Nova. Acabou por perguntar. O interlocutor não lhe entendeu a pronúncia cerrada e ele ficou transido. Por fim, o *Cristóvão* dirigiu-se, afoito, a um corretor, elegante na sua pronúncia impecável, a farda castanha, debruada de dourados. Em vez de responder, o angariador perguntou: “O senhor *doutor* precisa de hotel?” O *Cristóvão* olhou para o lado, curioso de ver o primeiro titular de tal cargo na maternidade onde os *doutores* nasciam de parto prematuro. Como não viu ninguém por perto e a pergunta fora repetida, ficou com a pele arrepiada — chegara ao fundamento de que o *doutor* era ele próprio... A ligação chegou. Viajaram num molhinho e meio enregelados. Pernoitaram na primeira pensão que encontraram à saída da Estação Nova. Despertaram numa manhã lavada de sol, sem mar. Criou-lhes um vazio, que doeu pelo dia fora, preenchido nas andanças de arrendar um quarto. Reforçada, a praxe recomeçou no dia seguinte, o da abertura solene. O medo tomou então conta do *Luís*. Tinha de ir à única cantina que existia no Palácio dos Grilos para tomar as refeições. Deixou por vezes de ir jantar com pavor de ser rapado; outras, ia de táxi; mas o dinheiro era escasso. Tamanho o medo que semanas depois, desiludido e assustado, queria regressar no vapor ao ventre materno da Ilha.

Escreveu uma carta esborratada de lágrimas. A resposta recebida desenganava-o: “O que vens tu para cá fazer? aguenta-te; um homem não se deixa afundar dessa maneira; tudo é difícil ao princípio e um ano passa depressa...”

Uma noite de novembro, na véspera da *Tomada da Bastilha*, o *Cristóvão* decidiu arrostar com a praxe: uma trupe apanhou-o junto à Porta Minerva, aplicando-lhe as regras da soleníssima praxe. A tormenta cultural deflagrada em Coimbra nos princípios dos anos sessenta foi mais violenta do que qualquer *Ciclone de setembro* nas Ilhas. O efeito foi ter ele sobrevivido em estado de embriaguez, a consciência dos limites à flor da pele e as *Mãos Vazias* de uma poesia que se recusava a cantar, mas que, bem ou mal, fez nascer, de parto prematuro, o tal *Cristóvão de Aguiar*, que persiste e insiste na lavoura da escrita. O *Luís* franzia o nariz e aos poucos ia deixando de acompanhar o *irmão gémeo*, transfigurado num *Grito em Chamas*, desarvorado, procurando queimar e atingir não se sabia que alvo, talvez o *Pão da Palavra* com que queria alimentar o espírito confuso... Se por índole e humor o *Luís* era bicho-de-conta, mais se encantou no seu cantinho. Ao invés, o outro lá ia caminhando aos tropeções, procurando remover a *Raiz Comovida* ainda fincada e ficada na Ilha, já porém dando topadas que o faziam sangrar num balbucio de intensa *Trasfega*.

Em incessante viagem interior, grandes lutas travou dentro de si, numa lufa-lufa de *Passageiro em Trânsito* que procurava solucionar muitos dos problemas que a geração a que passou a pertencer já há muito resolvera. Teve a sorte de ter caído num meio intelectual progressista — o da revista *Vértice*. Na *Brasileira* convivia com os seus intelectuais e com outros que lhe estavam próximos, o denominado *Grupo da Brasileira*.

Nele pontificavam Joaquim Namorado, Luís Albuquerque, Orlando de Carvalho, Mário Vilaça, para só falar dos que já saíram de cena, e sobretudo conviveu *Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia*. Ouvindo mais do que falando, soletrava e aprendia devagar as primeiras letras de uma cultura e de uma mentalidade nova que em nada se assemelhava à que em si vigorava. Assimilou novos valores humanísticos, enraizados nos problemas concretos do País, e estabeleceu com a vida cultural e literária uma *Nova Relação*, na qual havia de colocar um portaló por onde entrava e saía *de Bordo* de qualquer iate de cabotagem. Da Ilha ele trouxe um lastro de recursos afetivos e de novos sentimentos que têm vindo a servir-lhe de conduto ao pão seco e amargo do dia-a-dia. Toda essa matéria nebulosa tem-lhe servido de húmus para a escrita. Coimbra, que já faz parte do seu roteiro afetivo e cultural, forneceu-lhe a ferramenta sem a qual não poderia carpintear a escrita, nem ordenar o seu desordenado pensamento. Quarenta e cinco anos de convívio, cumplicidades, amores e desamores, alegrias e tristezas, deram para uma vida quase cheia. O bastante para que vá pensando em fechar o círculo, regressando ou não às raízes comovidas. Pode ser que, nessa remota origem, Coimbra se lhe imponha de tal sorte que tenha de escrevê-la, a ver se a sente mais aquietada dentro de si. O mesmo aconteceu a respeito da Ilha. Desinquietou-o de tal maneira que não teve outra opção que não fosse a de a ir iludindo com meia dúzia de livros que em absoluto nunca a aquietaram. Continua impertinente e ciumenta. Pode ser que se acomode com *Marilha*, Mar Ilha, Marília, nome de mulher transfigurada na gostosa dicção de *Marilha* por força da pronúncia ainda em vigor.

LAGOA 2009 11º COLÓQUIO



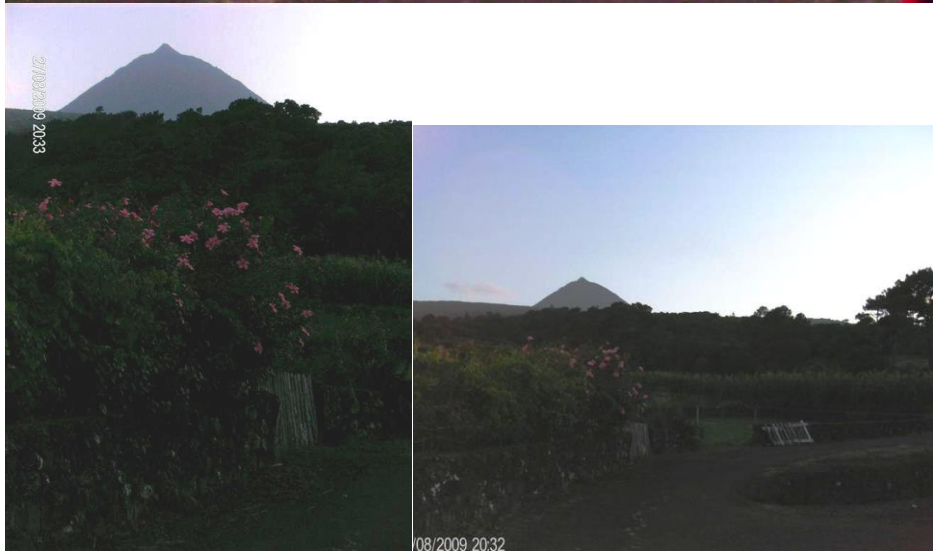
S MIGUEL ARCANJO, ILHA DO PICO



DA SUA CASA VÊ-SE SÃO JORGE



DA SUA CASA VÊ-SE O PICO

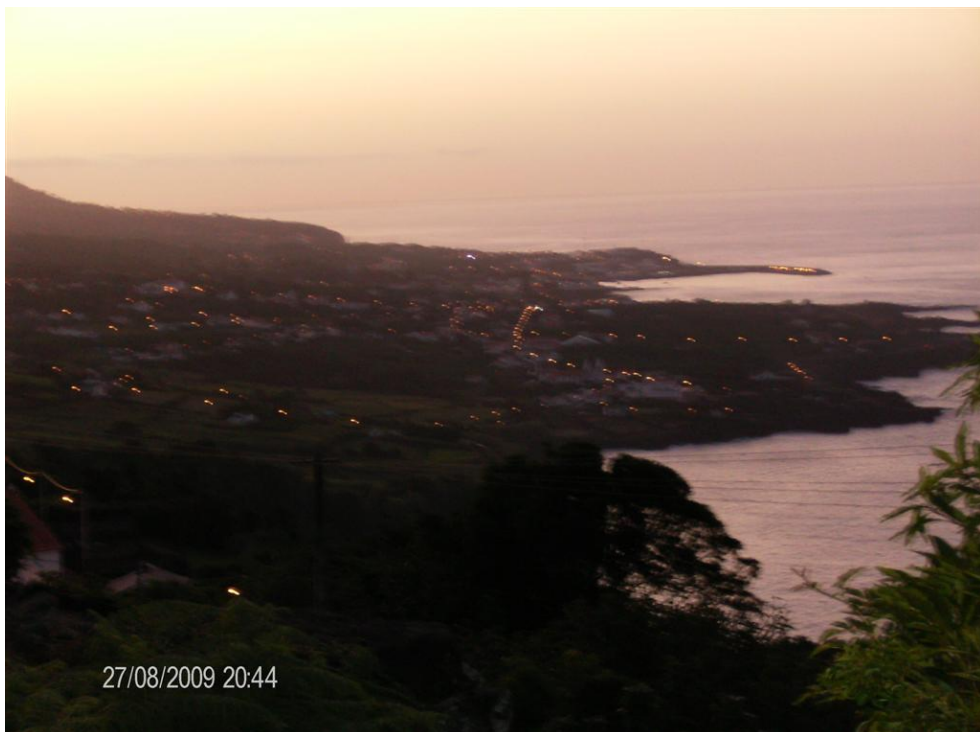


DA SUA FALSA VÊ-SE LITERATURA



DA SUA CASA VÊ-SE SÃO ROQUE





OBRAS DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR

1. Aguiar. Cristóvão de. (1965). *Mãos vazias*. Poesia. Coimbra ed. autor com A Chancela da Livraria Almedina, esgotado
2. Aguiar. Cristóvão. (1970). *Vietname*. Antologia poética, colab., ed. Nova Realidade
3. Aguiar. Cristóvão de. (1972). *Breve memória histórica da Faculdade de Ciências no IIº centenário da Reforma Pombalina*. Coimbra, esg.
4. Aguiar. Cristóvão de. (1976). "Alguns dados sobre a emigração açoriana". *Separata da Revista Vértice*. Coimbra, esgotado
5. Aguiar. Cristóvão de. (1977). *O Pão da palavra*. Poesia. Cancioneiro. Ed. Vértice. Coimbra
6. Aguiar. Cristóvão de. (1977). In *Antologia de Poesia Açoriana*, colab. e org. Pedro da Silveira. Lisboa, ed. Livraria Sá da Costa
7. Aguiar. Cristóvão de. (1977). "Para o mundo de todos os homens", colaboração. *Pequena Antologia de Poesia de Autores Portugueses contra o racismo e o colonialismo*. Ed. Núcleo de Coimbra do Conselho Português para a Paz e Cooperação
8. Aguiar. Cristóvão de. (1978). *Raiz comovida 1. A semente e a seiva*. 1ª ed. Centelha. Coimbra. Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa;
9. Aguiar. Cristóvão de. (1978). In *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, colab. e org. João de Melo. Lisboa, ed. Vega
10. Aguiar. Cristóvão de. (1979). *Raiz comovida 2. Vindima de fogo*. 1ª ed. Centelha. Coimbra, esgotado
11. Aguiar. Cristóvão de. (1980). *Raiz comovida 1. A semente e a seiva*. Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa; 2ª ed. Bertrand, esgotado
12. Aguiar. Cristóvão de. (1981). *Raiz comovida 3. O fruto e o sonho*. 1ª ed. Angra. SREC, esgotado
13. Aguiar. Cristóvão de. (1982). "A nobre arquitetura de António Arnaut", versão para inglês. [s.i.]
14. Aguiar. Cristóvão. (1982). Trad. de *A riqueza das nações, de Adam Smith*. Fundação Calouste Gulbenkian
15. Aguiar. Cristóvão de. (1982). "O eclipse", excerto de romance. *Revista Vértice* 448 mai-jun número dedicado à Cultura Açoriana, org. autor
16. Aguiar. Cristóvão de. (1983). "O homem açoriano é um mito e a expressão literária açoriana é um equívoco", in Almeida, Onésimo Teotónio (org.). *A Questão da literatura Açoriana. Recolha de intervenções e revisitação*. Angra. SREC: 110-114.
17. Aguiar. Cristóvão de. (1983) in *The sea within. A selection of Azorean Poems*. Gávea-Brown. Providence

18. Aguiar. Cristóvão de. (1985). *Ciclone de setembro, Romance ou o que lhe queiram chamar*. Ed. Caminho.
19. Aguiar. Cristóvão de. (1986). *Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia. Nótulas biográficas*, 1ª ed., Publicações da Universidade de Coimbra.
20. Aguiar. Cristóvão de. (1987). *Raiz comovida. Trilogia romanesca*, ed. num só volume., Ed. Caminho.
21. Aguiar. Cristóvão de. (1988). *Passageiro em trânsito, novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai acrescentando mais um conto*. 1ª ed., Ed. Signo. Ponta Delgada,
22. Aguiar. Cristóvão de. (1991). *Emigração e outros temas ilhéus*. Ponta Delgada, ed. Signo
23. Aguiar. Cristóvão de. (1990). *O braço tatuado, narrativa militar aplicada*. Ed. Signo
24. Aguiar. Cristóvão de. (1992). *A descoberta da cidade e outras histórias*. Ponta Delgada, Ed. Signo
25. Aguiar. Cristóvão de. (1992). *Emigração e outros temas ilhéus*. Ed. Signo
26. Aguiar. Cristóvão de. (1992). *Sonetos de amor ilhéu*. Poesia, ed. autor. Coimbra, esgotado
27. Aguiar. Cristóvão de. (1994). *Passageiro em trânsito*. 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra col. "Garajau".
28. Aguiar. Cristóvão de. (1995). *Um grito em chamas. Polifonia Romanesca*. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
29. Aguiar. Cristóvão de. (1999). *Relação de bordo (1964-1988). Diário ou nem tanto ou talvez muito mais*. Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE-CMP. Porto. Ed. Campo das Letras.
30. Aguiar. Cristóvão de. (2000). *Relação de bordo II (1989-1992). Diário Ou Nem Tanto...* Ed. Campo das Letras
31. Aguiar. Cristóvão de. (2003). *Raiz comovida. Trilogia Romanesca*. Ed. revista e remodelada. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
32. Aguiar. Cristóvão de. (1999). *Trasfega. Casos e contos*. 1ª ed.; Publicações Dom Quixote. Prémio Miguel Torga
33. Aguiar. Cristóvão de. (2003). *Trasfega. Casos e contos*; 2ª ed. Publicações Dom Quixote. Prémio Miguel Torga
34. Aguiar. Cristóvão de. (2004). *Nova relação de bordo. 3 vol. Diário Ou Nem Tanto...* Publicações Dom Quixote
35. Aguiar. Cristóvão de. (2004). *Marilha. Sequência narrativa, integra Ciclone de setembro e Um grito em chamas*, ed. D. Quixote
36. Aguiar. Cristóvão de. (2005). *Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia. Nótulas biográficas*; 2ª ed. revista e aumentada no 1º Centenário do seu nascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra

37. Aguiar. Cristóvão de. (2007). *A Tabuada do tempo. A lenta narrativa dos dias*. Prémio Miguel Torga 2006. Livraria Almedina. Coimbra
38. Aguiar. Cristóvão de. (2007). *Miguel Torga. O lavrador das letras. Um percurso partilhado*. Livraria Almedina, Coimbra
39. Aguiar. Cristóvão de. (2008). *Cães letrados*. Vila Nova de Gaia. Calendário de Letras
40. Aguiar. Cristóvão de. (2008). *Braço tatuado, Retalhos da Guerra Colonial*, Nova Versão, D. Quixote. 2ª ed.
41. Aguiar. Cristóvão de. (2009). *Charlas sobre a Língua Portuguesa*. Coimbra. Livraria Almedina.
42. Aguiar. Cristóvão de. (2009). "Dois homens de Trás-os-Montes: Paulo Quintela e Miguel Torga". 12º *Colóquio da Lusofonia*. Bragança
43. Aguiar. Cristóvão de, (2011), e de Aguiar, Francisco. *Catarse. Diálogo epistolar em forma de romance*, ed. Lápis de Memórias
44. Aguiar. Cristóvão de. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, trad. Chrys Chrystello. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
45. Aguiar. Cristóvão de. (2011) in *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*. Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.). Fotografias: Manuel Botelho. Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1ª ed. Porto: Afrontamento [ISBN 9789723611748] 648 pp.
46. Aguiar. Cristóvão de. (2012). "A identidade cultural açoriana" in *Jornal Açores 9*
47. Aguiar. Cristóvão de. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
48. Aguiar. Cristóvão de. (2014). *O coração da memória na festa da amizade a Medeiros Ferreira*, ed. Letras Lavadas com alto patrocínio do Governo Regional e da Câmara Municipal de Vila Franca.
49. Aguiar. Cristóvão de. (2015). *Raiz comovida. 1º vol. das Obras Completas (cinquenta anos de vida literária)*. Ed. Afrontamento. Porto.
50. Aguiar. Cristóvão de. (2015). *Amor ilhéu, prosa poética, sonetos e outros poemas. 2º vol. das Obras Completas (cinquenta anos da vida literária)*. Ed. Afrontamento. Porto.

Traduções

A Riqueza das Nações, Adam Smith, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

A Nobre Arquitetura, poemas de António Arnaut, traduzidos para inglês.

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



2006 POR MANUEL MELO BENTO



COM O AUTOR EM SÃO MIGUEL ARCANJO DO PICO

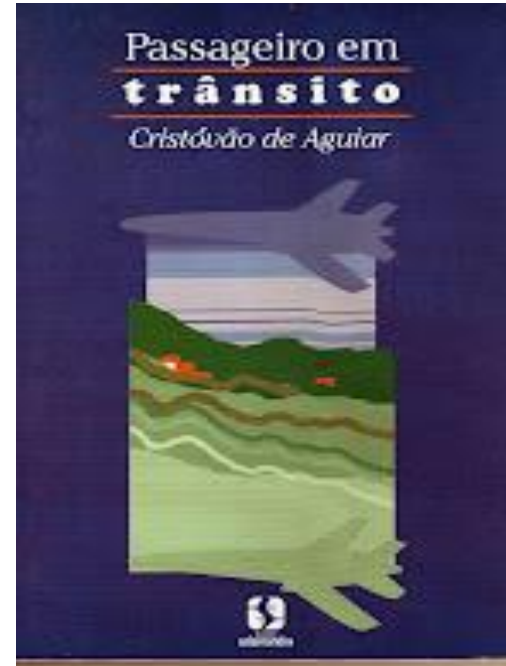


A sua casa em S Miguel Arcanjo, Pico





S MIGUEL ARCANJO, ILHA DO PICO



IN PASSAGEIRO EM TRÂNSITO, 2.ª ED. REFUNDIDA, EDITORA SALAMANDRA, LISBOA 1994.

“Sonho ainda com as caminhadas até ao estrado. E daquela vez que falsifiquei a assinatura do encarregado de educação, lembrás-te? Não há retornos e ainda bem. Só no reino da tua imaginação os poderás percorrer.

Conselho disciplinar, expulsão. Acordo por vezes lavado em suores e embrulhado num grito. Dois dias de excomunhão e um mau em comportamento no fim do período. Não te rias.

Havia apanhado um medíocre menos num exercício de apuramento de Matemática. E fiquei com medo de o exibir ao senhor da cidade, encarregado não sei de quê. Ele tomava conhecimento e assinava por baixo da classificação. Merda. Resolvi não lhe mostrar. Era o primeiro exercício. Rica estreia. Mas, eu nunca tive jeito para arremedar o quer que fosse. Muito menos assinaturas. E saí-me mal.

Devia ter-me permanecido nas canadas velhas. Correm em silêncio para as pastagens. E eu, lá, corria com elas também. O meu deus sempre foi a corrida. Apanharam-me. E para que fui eu utilizar papel químico?

Andava meu Pai embarcado noutra Ilha, a Terceira. Devia ter sido o diretor do 1.º Ciclo, uma fera. Não admitia o mais pequeno deslize na disciplina e na ordem estabelecida. Um genuíno polícia da Secreta. Por uma nonada, falta de castigo. Fiquei com vergonha de mim. Não sei se embarcou por minha causa. Meu Pai. Não te culpes. Os estudos eram caros. E a hospedagem, na cidade, e os livros, e as roupas mais domingueiras, e as propinas...

Mais tarde, o passe para a camioneta da carreira, quando deixou de haver pensão familiar. Ia e vinha, de manhã e à tarde. Dinheiro vivo ou morto, nunca o houve em abundância lá em casa.

Numa outra Ilha embarcado. Meu Pai. Não seria antes por espírito de aventura ou de bandeirante? Quase todo o ilhéu nasce com essa sina... Talvez de emigrante, digo agora eu...

Não desconverses!”



NOVA RELAÇÃO DE BORDO, DIÁRIO OU NEM TANTO OU TALVEZ MUITO MAIS.
LISBOA, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, 2004, PP. 273-274

A ILHA DO MEU CORAÇÃO

A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço, para que haja um cada vez mais intenso afeto de persegui-la e ânsia de desvendá-la. Seria banalizá-la se todos os seus encantos pudessem ser revelados. Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio.

Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorrescado de seus *mistérios*, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação...

A ilha em frente estende-se num dossel de mar, ora inundada de sol, ora encoberta de nuvens, e nevoeiro, e da bruma da sua primordial inocência...

Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo.

Num poema sobre Moisés, o patriarca que recebeu as Tábuas da Lei no Monte Sinai da Montanha da Ilha do Pico, o Poeta de *Orfeu Rebelde* escreveu:

Força da terra a olhar o céu / Em desafio: / Ou Deus ou Nós, que somos naturais, / Animais, / Crocodilos do Nilo ou de outro rio. // Peito de quem bateu de encontro à fraga, / E a fraga se desfez em água pura; / Super-Homem do homem que ficou / Morto de fome quando o Pão faltou, / Porque o grito que deu não tinha altura...

Se o grito do Patriarca não teve altura, o que dizer do meu, pobre agricultor de palavras que se me escondem sempre que procuro dar expressão ao que sinto quando nesta Ilha me encontro? A Ilha do Pico não consente palavras. Só o silêncio lhe poderá dar voz.

A Ilha do Pico nasceu para ser amada sem palavras. Descrevê-la ou defini-la é roubar-lhe a dimensão apocalítica que lhe pertence. Amo-a sem o empecilho da palavra. Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas. Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo. Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se. Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa *Ferida Amável*, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!



IN A TABUADA DO TEMPO, LIVRARIA ALMEDINA, COIMBRA, 2007

“abril, 4 – Ouço o sol brincando em silêncio num retirado recanto do jardim. Às vezes sabe-me a som. Desejava tanto compartilhar este secreto sol que esbraseia o meu saboreá-la. Repouso no desfecho da tarde relvado de memória e de andarinhocos empoeirados no telhado da casa e retiro as pétalas às palavras que hão de profetizar e matizar as cores pacificantes que molharam o seu corpo escorrido de verde-mar. Com os olhos

acaricio-a ao longe e ao longo das linhas de água que de Ela se despenham coalhadas da luz salina que as ondas nele esculpiram.

Gostava que o mapa de sal que a cristalografia constrói no silêncio suturado de sol entardecasse sobre a pele do seu corpo. Eu e os olhos arredondamo-nos levedados dentro de um casulo irizado de espanto. Sinto-me crescer um pouco mais para além do enleio inicial – aparatoso crescendo de sinfonia.

Rasgo a película do primigénio assombro e medro como se tivesse acabado de ser parido junto ao mar já com a idade que me sombreia a pedra onde me assento rastilhando um nunca acabar de sonhos que se originam da ígnea interseção de nossas mãos demoradas.

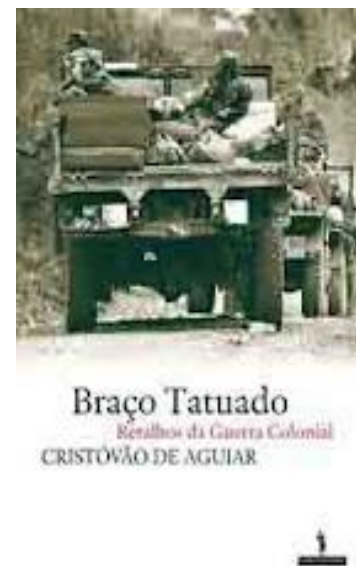
Continuo a amanhecer-me na tarde tombada das Poças. Nas minhas mãos sinto o doce morse das suas e decifro o genuíno entrelaçar-se dos dedos sonâmbulos. Dão-me notícias dos passos construídos diante da cerúlea onnipresença do mar. Caminhamos dentro do mesmo corpo molhado de azul e recomeço a crescer prolongado n’Ela na saudade eterna de seus olhos em mim semeados como se me tivesse plantado uma lua num céu toldado de tristeza tornando-o subitamente lírico.

Tangeu sem pressa as cordas de uma cítara escondida que num instante verteu uma gota de música no pino da noite – sonora lágrima explodida de uma alegria antiga deslemburada de seus primórdios de água que me cingia o corpo ainda despido da idade para a morte. Amanheço com Ela na tarde tombada das Poças. Continuo ouvindo a lenta toada de seus dedos na subcutânea voz que das ondas me chega e afaga. O Sol amadurece a mostarda do crepúsculo que leve se reclina por sobre o salitroso mapa da pele.

Procuro atardar-me aturdir-me no fundo de seus olhos municiado contra o ardil da noite adivinhada sobre as pedras do Calhau sozinhas onde retardo a comovida simetria dos passos que hei de insinuar. Um barco dormita na comissura do céu cerzido ao mar por mútuo acordo. Depressa fica a paisagem pronta e unânime para aprovar de pé e por aclamação o sonho da viagem.

Hei de amanhecer sempre com Ela nessa tarde tombada das Poças agora matizada de memória. Neste instante enriçado de longe espero não me deixar entardecer por nenhum dos crepúsculos que me rondam o horizonte lavrado de tanto tempo. Prefiro incendiar-me em voo de gaivota e ir pousar no mastro daquele veleiro a meio Canal. Vou velar o cadáver do nosso sonho ainda não apodrecido...”

IN BRAÇO TATUADO, RETALHOS DA GUERRA COLONIAL, NARRATIVA. PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, LISBOA, 2008.



“Recostado na tarimba, abro devagar as folhas desguilhotinadas do espesso volume com a faca de mato. Nunca perdi o prazer deste primeiro contacto com o livro. Operação relaxante, constitui o preliminar jogo erótico, o mais gostoso e exaltante, que prepara o leitor para o grande coito da leitura. As primeiras sombras do crepúsculo principiam a entornar-se para dentro do abrigo, já de si sombrio. Grito ao faxina pelo *petromax* pequeno. Estou na disposição de passar a noite enfronhado na leitura da novidade, ainda para mais proibida, o que lhe garante outra apetência. Se o furriel Ferreira, meu incerto companheiro de abrigo, ficar incomodado com a luz e a consequente mosquitada inquisidora, que vá pernoitar, como é seu hábito, no abrigo da telegrafia.

Chega o faxina com o *petromax* aceso e diz. “A Andorinha anda muito desinquieta, meu alferes, não para um instante e parece gemer como gente; se calhar, ainda desova esta noite...” Atiro com o livro e a faca de mato para cima do caixote que serve de mesa-de-cabeceira, ergo-me de um pulo e estou já na banda de fora do abrigo. Chamo alto pela cadela. Afinal, não era preciso gastar tanta voz. Ela já se vem aproximando. Deixo-me ficar onde estou. Espero que chegue ao pé de mim.

Ao chegar à minha beira a *Andorinha* lambe-me as mãos, como se me estivesse a pedir a bênção de algum tempo e noto-lhe que se não encontra no seu normal. Roça-se-me por

entre as pernas, do mesmo passo que emite uns gemidos que não consigo destrinçar se de mágoa, se de júbilo. Bem que se esforça por me transmitir o que sente. Caminha até à tarimba e, mal lá chega, regressa de novo para junto de mim, num movimento quase pendular. Mete-me o focinho entre as pernas, abana a cauda e de novo regressa para o pé do catre de campanha. O faxina, ao meu lado, “O que ela está a querer dizer, meu alferes, é que o senhor vá com ela para aquele sítio...” Faço-lhe a vontade. Entro no abrigo fazendo a habitual vénia na porta aninha, aproximo-me da cama.

Agora escarva a terra, abaixa-se depois para entrar no seu ninho, mas olha-me, suplicante, pedindo-me – assim o interpreto – que a acompanhe. Tenho então uma ideia. Pego nela ao colo e deponho-a sobre o colchão. Enrosca-se sobre si própria e aninha-se por fim com o focinho sobre as patas dianteiras. Acaricio-lhe o alto da cabeça e, mimalhenta, cerra os olhos. Continua a emitir ganidinhos sincopados. Passo-lhe a mão pelas partes já humedecidas. A vagina está dilatada, dela escorre um despercebido fio de sangue. Deve estar perto a sua boa hora. Não arredo da sua cabeceira. As primeiras contrações devem estar a surgir.

O faxina lá se foi à vida. A hora da terceira refeição já se escoou. O furriel de dia escalona os homens para o reforço da noite. Em breve chegará a Dunane o som cavernoso dos rebentamentos de petardos, granadas e bazucas. Seguir-se-á a queimada. Perfeito... Hoje, porém, nada me transtorna. A noite ficará assinalada com a festa da natalidade da Andorinha. Além disso, foi dia de correio e de abastecimentos. Que mais se pode exigir na solidão da mata? Nem a carta da Irene nem o livro da *Poesia Erótica e Satírica* que me enviou tiveram o condão de me pôr em alvoroço. Mas gostei. Sobreretudo do livro. A parte final da carta é que me deixou frio que nem um seixo. “Não perca a esperança...” Cheira a frase de manual de cartas de amor sem mestre. Agora, hein! Vai-te mas é lamber para outro encosto!

O Niza também recebeu correio. Uma carta da namorada. Vem ler-ma amanhã de manhã. Como se vê, não falta matéria para ocupar o íntimo durante alguns dias. Não vão ser, por isso, os longínquos ataques às aldeias fiéis da etnia fula que hão de conseguir desalojar do seu sítio a temporária sensação de que vivemos ou sobrevivemos. As contrações já começaram. A *Andorinha* espreme-se em esforço. Faço-lhe pressão sobre a cabeça. Estou convencido de que, deste modo, a ajuda e lhe dou conforto no transe por que passa. A primeira cria acaba de ser parida. É um macho e tem pelo castanho-escuro como o do pai. Após comer a placenta, a cadela mãe lambe-o, lavando-o, embevecida. Vão-se seguindo os outros com intervalos de quinze, vinte minutos, até à consumação do sexto, uma fêmea com parecenças com a mãe enquanto jovem cachorra...

Pouco depois das dez e meia dá a cadela por concluída a primeira mamada coletiva a seis criaturas insofridas. Deixo-a entregue aos seus desvelos e cuidados maternos, pego do dólman camuflado, visto-o, e saio do abrigo com um cobertor debaixo do braço, utilizado pelas sentinelas quando se encontram de reforço. Tomo o rumo da sala que tem por

teto a copa o poilão, vou contando os passos – setenta e três. Nunca mais perco esta mania. Ainda chego mais que a tempo de ouvir a *Voz da Liberdade*, uma voz livre do povo português. Junto-me a alguns soldados e a três furriéis.

Sentado depois num dos cadeirais construídos de aduelas de barris, acabada a emissão, enrolo-me no cobertor. Sopra um vento terral que arrepia. Deixo-me ali pernoitar. A *Andorinha* tem esta noite direito de ocupar-me a tarimba. O *Morteiro*, que nem sabe que é pai, anda a farejar para os lados da cozinha de campanha, aqui à mão de semear. Amanhã obrigá-lo-ei a ir ao abrigo do presépio visitar a prole e a parturiente. Os filhos hão de querer tomar-lhe a bênção e a mulher dar-lhe uma daquelas rosnadelas tão habituais contra o progenitor. É a vingança de quem sofre as dores de parto e depressa se lhe varreu da lembrança as delícias de fazer amor.

As capelas caem sobre a vidraça dos olhos pesadas de chumbo. Mergulho lentamente num poço de sombra, a consciência animada de ter ganhado bem o dia. Merecia-o!

Acordo ao romper da manhã com um formigueiro nas pernas. Os soldados do último turno de reforço estão a sair dos seus postos de vigia. Trazem os cobertores sobre os ombros à laia de capa de estudante. A noite foi friorenta assim como há de ser a primeira parte da manhã. Mas, dentro de algumas horas, andarà todo o pessoal de tronco nu e de calções, num protesto contra a torreia húmida que amolece os corpos e acicata o sexo”.

IN MARILHA, SEQUÊNCIA NARRATIVA, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, 2005

“A fortidão do chá da Ilha, exibida na cor de ouro velho, carregada e escurecida, algumas folhas ainda mal coadas, aparentando caganitas não sei de que melrinho, não assentes no fundo e boiando na tigela, mentes Severiana de Jesus, mão pesada para o sal e o açúcar, mexia a poção com uma colher de sopa – principiou logo-logo a patentear os seus efeitos reconfortantes.

Nesse meio tempo, e seguindo o caminho das linhas mais esclarecidas da sua índole, decidiu-se a não ficar permanecida, olhando para anteontem de braços cruzados em face do infortúnio que se lhe esgueirara pela cozinha dentro nessa meia manhã de um agosto já embolorecido. Nunca se deixava esmorecer sem primeiro tragar de olhos vendados o amargoso frasco do vermífugo do destino ou da adversidade. Sempre bateu a todas as portas e portões, gostava até de forçar os que porventura lhe ofereciam resistência em demasia aos nós experimentados dos dedos da mão canhota [...].

Pegou do alguidar de barro meio avermelhado, produzido numa das inúmeras cerâmicas que, porta sim porta não, já não descem a Rua das Olarias de Vila Franca do Campo, o berço da Ilha e de seus excessivos amores primordiais, a léguas de lonjura de Tronqueira freguesia – *Eh louça da Viii...* – e ajustou-lhe por cima a cernideira. Retirou-a do prego

ferrugento e torto. Servia de cabide. Enfiado na parede guarnecida do patim da escada de madeira. A escada subia em dois lanços articulados, quase em ângulo reto, para a falsa dos arrumos, das lembranças velhas e da ratoagem. Durante as noites de cio, e também nas de fominha e insónia, rebojavam-se num endiabrado chinfrim, fazendo atropeladas correrias por sobre as tábuas de forro, por trás do estuque. Primeiro que se pregasse olho, uma enfadonha comédia de outro tempo representada ao ar livre.

O rateiro da Algarvia, do concelho de Nordeste, costumava aparecer em Tronqueira duas vezes por ano. Seria pouco, mas sempre remediava. Vinha proceder à limpeza geral da rataria. Sorte de duplicada desobriga de Quaresma. Levava poucos vinténs. Dezoito, se me não falha a memória, se calhar duas serrilhas, por cada rabo apresentado a quem o apalavrava.

Ratos e ratas, murganhos e ratazanas, habitavam as casas, os granéis, as adegas e outros recintos fechados. Até na Escola de Cima os havia de variados tamanhos. Principalmente nas lojas e arrecadações do rés-do-chão. Faziam igualmente sala na igreja paroquial. O sacristão serve-me de testemunha. Um dia deu de caras com um ninho deles. Encontrou-o, na sacristia, num dos gavetões da velha cómoda abacial de nogueira. Aí se guardavam os paramentos, as toalhas dos altares e outra devota quinquilharia.

Homem de bom fundo, o sacristão. Deixou que se criassem os bichinhos de Deus. Nem pio abriu com o padre Crisóstomo. Quando os ratinhos deixaram os cueiros e a maminha, as hóstias por consagrar, confeccionadas pela Marquinhas do Santo Cristo, começaram a aparecer ratadas. Uma blasfémia! Vai então, mandou o senhor padre desratizar o anexo. Na operação foi utilizado um granulado anticoagulante, comprado numa loja de ferragens da cidade.

Na freguesia só se vendiam ratoeiras e estica, a estricnina dos bem-falantes. Deixou de haver, pouco depois, ratos e ratas de sacristia. Só a Maria Pedra continuava a frequentar a dependência eclesial. Limpava o pó e cuidava da roupa necessária ao culto divino. Um dia caíram-lhe os olhos no cadáver ressequido de uma ratazana. Deu um grito. Em nada comparado ao de tia Severiana de Jesus. Mas gritou. Ninguém o pode negar. Gritou e ao mesmo tempo levantou as saias. O senhor padre, que andava por perto, viu o que não devia. Disseram depois que gostou do panorama entrevisto. Ficou com olhos enturvados de quem avistara moirinha na costa.

Mal chegava a Tronqueira, o rateiro anunciava a sua vinda por intermédio de uma espécie de funil, que lhe amplificava o volume da voz:

Aqui chegou o rateiro, / Com as suas alpergatas, / Que por mui pouco dinheiro / Vem matar ratos e ratas.

E sempre que o senhor professor me perguntava: “O que são palavras cognatas?” lembrava-me de ratas e alpergatas, ou vice-versa, e escutava de novo o rateiro da Algarvia,

o seu funil de ampliar a voz, ouvia-o noutros ouvidos mais atentos, clandestinos. No fim da cantilena via-me de mão estendida à palmatória, empancado na definição: “As palavras cognatas são pala...”

E apetecia-me repetir para fora a quadra do rateiro da Algarvia, ouvida rumorejada por dentro. Vinha de tão longe, quase da ponta da Ilha. Um mistério doloroso de longitude que não podia caber, nessa idade estreada, no ingénuo bernal da escassa ciência adquirida sobre as variadas mensuras, que o tempo acabou por me ir ensinando à margem dos cadernos de problemas.



Além da arte, meu avô José dos Reis praticava a agrimensura. Falavam-lhe para ir medir terras. E dava conta do recado com grande competência.

Pelo contrário, ainda hoje me vejo em palpos de aranha para medir o percurso de certas distâncias submersas. Nunca me ensinaram, por exemplo, a medir a dor nas suas verdadeiras dimensões. Se me tivessem tentado ensinar, com certeza que não teria aprendido. Que se saiba, não existe nenhum aparelho para a medir. Nem sequer há a ciência ou a medida de volume (não será de superfície?), chamada dolorimensura. Sobretudo quando se trata da incomensurável extensão da desatinada dor de te ter perdido ou de vir a perder-te um dia. Ah, este lugar mais-que-comum do chamado sentimento de perda! Não procures nenhum fio lógico ao redor do colar de pérolas das palavras pretensamente enfiadas umas nas outras. Em rosário. E não derretas pensamento à toa, como outrora se derretiam as baleias no porto das Capelas. Podes ficar sem troco para a espórtula que as emoções te exigem pela energia calada transmitida ao alvoreço de as sentirem...

Ao dar fé da proclama do mestre rateiro, assomava Severiana de Jesus à porta do caminho. Chamava-o: “Pst, ó senhor rateiro; chegue aqui um instantinho...” Combinavam o preço e o serviço. Ele apontava a incumbência a lápis de ponta romba. Levava-a antes aos beijos para a humedecer de saliva. Ficava assim a letra mais visível, violácea. Trazia um caderninho amarrotado, mais encardido ainda que as unhas do escrevinhador. Chegada a vez de minha tia, lá vinha ele, quase sempre à boquinha da noite.

A caça à rataria provara ser mais abundante a horas pequenas. Entrava em casa, colocava os iscos em locais que o faro aguçado e a experiência lhe aconselhavam. Dos iscos só ele sabia o segredo de fabrico. Transmitido por herança ao filho macho mais velho. Todos tinham conhecimento que o rateiro da Algarvia se ufanava da sua ascendência aristocrática. Filho, neto e bisneto, se não mais para trás do tempo, de honestos rateiros sabedores da sua arte de extermínio. Hoje em dia dir-se-ia ecológica e, como tantas outras, em vias de extinção acelerada. Não por falta de ratoagem. Tem-se verificado um sensível aumento, tanto na real como na outra, ainda mais verdadeira.

la-me ficando a cernideira esquecida. Desculpa. Tia Severiana acabou justamente de a des-pendurar do prego/cabide pregado na parede. Estava já fina e lisinha ao sentido do tato. Espelhava mesmo uns raiozinhos de brilho fingido de verniz de gomalaca. Além da sua idade, andava em uso regular. Fizera-a o pai dois anos depois de casada, altura em que remendaram as precárias pazes, interrompidas com o rapto de minha tia para se casar três semanas depois. Em rápidos e secos vaivéns deslizava a peneira sobre as ripas da cernideira. Este o costume, pelo menos uma vez por semana, em casa de titia e também na de uma vizinha que lha pedia emprestada. Caía-lhe ao sábado o seu dia de cozedura. Até o mestre lhe amanhar a sua, já desconjuntada. Ou fazer-lhe uma nova, caso conserto para a velha não houvesse. Andava a vizinha neste fadário há mais de um ano. Escassa de palavra era a mestrança. E muito mentirosa. E a cernideira representava um verdadeiro

descanso para os braços e as mãos: já se recusavam, sozinhos, a manipular a peneira. Abriam-se-lhe os pulsos. E rodá-la depois no ar, batendo-lhe palmadas com ritmo nailharga arqueada. De grande préstimo e utilidade se revelava aquela estrutura de pau com duas barras paralelas e outras tantas, muito mais curtas, atravessadas a poucos centímetros dos topos de ambas as réguas compridas. O rebordo inferior do arco da peneira batia aí de encontro e sacudia-se em farinha de trigo sem farelo ou de milho sem carolo para dentro do alguidar. Bem-aventurado o carpinteiro que a ideara. Se calhar, fora mesmo São José, o carpinteiro nazareno, segundo patrono da freguesia, a seguir à Senhora das Vindimas. Queria aliviar os braços da Virgem no lidado dia da cozedura...

O cabritinho do pensamento apresentava-se de orelha guicha para a captação das labirínticas vozes que lhe faltavam no interior. O seu focinho húmido continuava bafejando a desgraça há pouco acontecida naquela cozinha. Por isso pôs-se titia cada vez mais atenta à moedeira de dentro. Precisava de encontrar uma saída. *Eu, por exemplo, não consegui nenhuma para a tragédia que me vascolejou, numa meia manhã de véspera de São João, não sei bem quantas décadas mais tarde.*

Por encanto, desfez-se tia Severiana em gana pouco menos que diabólica. Vingava-se dessa forma do destino ou de quem o exprimia, preparava-lhe uma cama conforme. Posso jurar que duas passaram a ser as Severianas ali presentes naquela meia manhã de agosto. Uma, encafuada nas furnas das entranhas, procurava um atalho de salvação. A outra ia peneirando a farinha de milho com desusada ralé e veneta. Ao lume esquentava-se o panelão da água para a escaldadura da farinha, antes de se iniciar o seu amassamento com o rigor geométrico dos punhos fechados. Uma da outra esquecida, cada qual se entregava ao seu labor com toda a febra e fibra de ânimo. A de dentro, quase-quase achando um carreirinho que iria desembocar num delta de alívio. A menos de dentro, mas não de todo de fora, fazia deslizar a peneira sobre as calhas brunidas da cernideira. Alucinante se patenteava o movimento de vaivém. Bate o rebordo do arco da peneira à frente, rebate atrás, sempre que titia deixava a dextra e repousava na canhota, então o trabalho dava ares de zunir. Utilizava ambas as mãos com igual destreza, mas a sinistra sempre se patenteou a de melhor patrocínio.

Nesse tempo escurecido e espirrado de bolores verdoengos, faziam ninho muitas credices e outras superstições. Ser canhoto significava uma diferença não tolerada. Sorte de desritmada afronta ao compasso rotineiro de um rebanho tosquiado, com a direita, nas consabidas épocas do ano e da vida.

A canhotice de Severianinha causava-lhe no dia-a-dia um sem número de tormentos. Cosidos, recalcados, refreados. Lágrimas de paixão e desalento. Quase sempre de rancor.

Desde que de si algumas luzes possuía, sempre se achara no meio de duas talas. A da cruz e a da caldeirinha. Difícil escolher a melhor de ambas. O simples pegar num objeto, a faca, a colher, o lápis de ardósia, mais tarde a pena. O próprio terço. Este, pelo seu significado, parecia fazer redobrar as recriminações e ameaças. Manipulá-lo com a sinistra constituía motivo mais que bastante e autorizado para lhe pregarem um safanão nas costas da mão arredia das convenções, ao mesmo tempo que a exorcizavam do demónio acolhido por trás da pele. Atavam-lhe depois a mão tinta de fogo com faixas de pano-cru. Do pulso para baixo. Imobilizava-a e deixava-a em punho. O que queria ela? Não havia sido botada no mundo com um aleijão mais nativo do carácter que do corpo?”



OBRAS COMPLETAS

CRISTÓVÃO DE AGUIAR

VOLUME I

RAIZ COMOVIDA



Edições
Afrontamento

I am Sorry !!!!!

IN RAIZ COMOVIDA, TRILOGIA ROMANESCA, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, 2003.

“O dia de cozedura de Vavó Luzia calhava sempre à sexta-feira; o chão da cozinha, revestido de tijolos vermelhos, que nos outros dias da semana se podia varrer com a língua, ficava, nesse dia, num verdadeiro esparrame: os molhos de lenha de ramada e de tremeceiros atados com um barço de tabuga, emedados ao pé do talhão da água, os alguidares de barro da Vila em cima da amassaria, a massa levedando que era um louvar a Deus (ela nunca se esquecia de a benzer e encomendar no fim da amassadura, ao acrescentar-lhe o fermento) e Vavó, lenço pela testa e amarrado atrás, na nuca – a cova do ladrão –, numa dobadoira viva, as faces tintas do lume, ora tendendo o pão já lêvedo, ora botando lenha no forno para o esquentar.

Todas as manhãs que Nosso Senhor botava ao mundo, no meu caminho para a escola do senhor professor Anacleto, o *Canço*, por ser acrescentado em tamanho e escanzelado de carnes, era certo como a Igreja que tinha paragem obrigatória na tenda de tanoeiro de meu avô José dos Reis, à ilharga esquerda da casa, pedia-lhe a bênção, Vavó *subença*, Deus te abençoe, meu rico *home*, e, enquanto o diabo esfregava um olho e coçava o rabo pelado, dava eu meia volta pelas traseiras e ia direito à cozinha, onde seria milagre não se encontrar Vavó Luzia na lida das panelas, da lavação ou, se era dia azado, no cerimonial da cozedura do pão trigo e do pão de milho, dos bolos de rala e dos biscoitos feitos da rapadura dos alguidares, rijinhos, famosos para se migar na tigela de barro vidrado, da Lagoa, cheia de chá com leite.

Em chegando à sexta-feira, e mal bulia a luz na telha de vidro do meu quartinho, erguia-me de um pulo da barrinha de ferro, Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça do Senhor e do Divino Espírito Santo, ia numa aragem a casa da Ti Filomena das Areias buscar a meia canada de leite do costume (às vezes três quartilhos), acrescentava dois ou três risquinhos, a giz, na porta de tábuas de forro de criptoméria do armário grande da cozinha, a fim de meu Pai poder somar os quartilhos de leite que a gente ia gastando e não ser depois levada, nunca fiando, nas contas do fim da quinzena, deitava uma mancheia de serralhas e de funcho no caixote dos coelhos e, findas as tarefas da manhã, escapulia-me numa carreira, a malinha da escola de papelão castanho-escuro, a bom chocalhar na mão direita, o fura-bolos servindo de tramela para o tampo se não abrir e não ficar tudo espalhado no meio do chão, ia direitinho como uma *roqueira* do Milhomens foguista em direção da casa de Vavó Luzia, ao cheirinho da tigela de chá com biscoitos migados”.





IN RELAÇÃO DE BORDO (1964 /1988), CAMPO DAS LETRAS, PORTO 1991

“Coimbra, 24 de agosto de 1988 – O telefone emudeceu. O carteiro não toca sequer uma vez. O vento não para. Os remédios não remediavam. A dor de cabeça não esmorece. O Sol esqueceu-se do ofício e meteu folga. O silêncio não se constrói nem me destrói. A música não apazigua. Os jornais gritam que não querem ser lidos. A esperança não esperneia. O calor tem frio. O frio tem fome. A fome tem sede. A sede está farta. As ideias embranqueceram. As palavras enlouqueceram num hospício de bolor esverdeado. O livro está atravessado no útero e não pede para nascer. Os amigos estão morrendo. A guerra nasce das entranhas do ouro negro. Os filhos não se deixam filhar. As filhas idem aspas, mas aspando. A poesia virou carraça em pelo de cadelinha. A literatura teve mais sorte e caiu numa panelinha. A chuva esqueceu-se de se molhar. O corpo é um copo sem espírito de bebida. Os olhos suicidaram-se. A boca caiu na lixeira. As horas não oram. Os minutos não minutam nem deixam minutar a minuta de um sonho. O Sol sujou-se. O céu caiu de susto. O pesadelo não se assustou. O sonho sustou-se. Os olhos cabeceiam de sono. As mãos pediram memória a juízo porque não pagam juros de mora. As pernas colonizaram-se sobre os pés. Os pés pediram tréguas e não sapateiam. A sapateia dançarilha no chão do longe. O longe é uma parte da partilha ainda espalhada. A saudade é uma ilha rodeada de ti. A ilha veio pernoitar em tua cama e lá se deixou noivar. Os mortos não se

cansam de viver nem os vivos de apodrecer. A morte anda a cavalo nos ponteiros do relógio. O relógio faz que anda, mas, no íntimo, galopa. Os dias resfolgam nos cavalos da noite. A noite debate-se no crepúsculo caído. As nuvens entupiram os caminhos da viagem. A viagem perdeu o navio e deixou-se ficar no cais. O comboio não para no apeadeiro que me coube. O bilhete que tirei tem uma data falsa. Todas as datas são falsas sobretudo as dos aniversários. Aniversariar é o modo conjuntivo desconjugado num tempo indefinido. Continuo esperando diante do espelho que a minha imagem espelhada se metamorfoseie na tua para nela me aposentar. O amor não se cansa. Assim seja!”



IN TRASFEGA, CASOS E CONTOS, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, 2002

“Uma noite, altas horas, acordou, o coração desenfreado cavalcando-lhe na caixa do peito. Apercebeu-se de um desusado movimento entrecortado de soluços e rezas exatamente no andar de cima. O senhor Varandas, alentejano de meia-idade e uma perna mais curta, acabava de exalar o último suspiro. Confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja e rodeado da solicitude e do carinho da mulher e da filha.

Sempre tiveste um medo pânico à morte. Dir-se-ia que, nesse pavor, existe uma fasciculada raiz religiosa. É natural, foste criado nas fraldas do catolicismo, que dramatiza, com pompa e liturgia, o fim da vida terrena. A notícia da morte de alguém conhecido põe-te arrepiado e à beira do desnorte. Pensas demasiado no teu próprio desaparecimento e vais morrendo aos poucos com os que vão desistindo de se existir... Se conheces a doença que vitimou esse teu conhecido, então tarda pouco em lhe assimilares todos os sintomas. Sentes tonturas, vómitos, ficas convencido de que a tua hora chegou. O medo de morrer é uma constante da tua vida, ou desvida. És amiúde assaltado, nos sonhos, por imagens fúnebres, “Amanhã vai a enterrar a filha mais nova do Ti Baldaia; tinha dezoito anos e a febre tifoide comeu-a por dentro; vamos ver o coveiro abrir a cova?; medicas de merda; se passasses em frente do cemitério, à noite, como eu, ao vir todos os dias da Canada Grande, dava-te um fanico; até se veem, ao alpardusco, as luzinhas das almas dançando nos covais...”, imagens de sepulturas escancaradas prontas para te receberem em seu aconchego...

Na noite em que o senhor Varandas morreu, não conseguiu voltar a adormecer. Sentia a morte perto de mais. O resto da noite, passou-a a imaginar que escutava os cangalheiros tirando as medidas ao cadáver, a lavarem-no, a barbearem-no. Ao principiarem a armar a essa, não resistiu. Escapou-se do quarto de cama e foi para a sala recostar-se no sofá.

Aí, já não ouvias, ou julgavas que não, os funcionários da morte, e a tua imaginação atingiu o rubro. Acendeste a luz. A escuridão traz-te incómodas visões. O espelho em frente passou a refletir a luz que te batia nos olhos, “Estamos desgraçados, mulher; parti o espelho redondo quando estava fazendo a barba, e isso é mau agoiro; tenho azar quando se parte um espelho; lembras-te de quando rebentou, numa noite de vento, o cordel do espelho grande do quarto de sala?; três dias depois, morreu o Ti Luís Pontes e, nesse mesmo dia, caiu o sino da torre e ia matando minhas primas acabadinhas de entrar no guarda-vento; o que será que nos vai agora acontecer?”, e tiveste medo...

Desviou a cara do espelho, procurou esquecê-lo. De onde em onde, passava pelas brasas, mas, logo de seguida, dava um salto do sofá-cama: sentia o cadáver do senhor Varandas, deitado, rígido e gelado, à suailharga. Assim permaneceu uns tempos, o defunto acompanhando-o para onde quer que fosse...

Passados os dias de nojo, houve mudanças lá em cima. Veio a Mariana ocupar o quarto dos pais. Por cima do teu. A vida florindo a ausência. Ao princípio, pareceram-te as noites menos longas e cheias de expectativa. Chegaste a escrever um verso, “Decorei a floresta e o mar do teu corpo...”, de um poema que nunca terminaste... Depressa te desencantaste,

“Deixas sempre tudo por acabar; entregas-te com entusiasmo às coisas, mas és fraco e volúvel...”, o costume...”



O IMPERFEITO COMO MANEIRA DELICADA DE SE PEDIR UM FAVOR OU INFORMAÇÃO

Diz-se que se não deve voltar ao local onde se foi feliz...

Não obstante o mau presságio que o aforismo insinua, cerro os olhos e aí vou eu! Entro neste fórum, em que me tenho acoitado, com o sentido de mais uma vez pôr a mão na massa, não raro indigesta, da gramática – um acervo de regras perecíveis que mais cedo ou mais tarde irão parar à vala comum.

Tudo, porém, tem a sua gramática. A vida não foge à regra – a chamada gramática da existência, inçada de cânones e entrelinhas... Nelas é que se lê com mais profundidade a intenção de quem escreve. Até Deus escreve direito por linhas tortas, isto é, nas entrelinhas do destino, para provar a sagacidade de suas criaturas...

Entrementes, e enquanto os coveiros da língua não lhe abrem a sepultura, vou aproveitar o interregno para expor um assunto elementar de foro gramatical. Tem a ver com um certo excesso de zelo que alguns falantes da nossa língua gostam de ostentar, sobretudo em público. Há dias, num restaurante, pedi ao empregado que me trouxesse uma garrafa de água, e desta maneira o interpelei: “*Queria* que me trouxesse uma garrafa de água, por favor”... Resposta pronta do empregado de mesa, ar sabichão de quem havia proferido uma verdade definitiva: “Então já não lha trago; disse-me que *queria*, então com certeza já se arrependeu e já não quer”...

Somos velhos conhecidos, pelo que me sorri, mas não deixei de lhe dar um breve esclarecimento, que vou aqui explanar com mais detença. De facto, *queria* é a forma do verbo querer no Imperfeito do indicativo. Porém, no contexto acima referido, tem outro significado, qual seja o de expressar *uma maior delicadeza*. Se eu dissesse “*Quero* uma garrafa de água”, estaria a ser menos delicado, na linha do *quero, posso e mando!* O mesmo acontece com os verbos *desejar, poder, dever, gostar*...

Dou alguns exemplos contextualizados: *Desejava (gostava)* que me desse uma informação... *Podia*-me dizer onde fica a estação de caminhos-de-ferro? Tu *devias* estudar mais, caso contrário... *Gostava* que me informasse se o comboio já partiu...

Em alguns destes casos, pode-se utilizar o *condicional* em vez do *imperfeito*, com o mesmo grau de cortesia ou ainda maior: *Poder-me-ia* informar onde fica a estação? *Deverias* estudar mais, caso contrário... *Gostaria* que me informasse se o autocarro já passou... Ainda mais delicado seria utilizar a expressão: *Não se importa de... Não se importa* de me dizer as horas? *Não se importa de* se chegar mais para o lado, que mal caibo no assento?

O imperfeito do indicativo, além do que ficou acima referido, é um verbo que aponta para um passado especial: *Estava* a tomar banho quando o telefone *tocou*... Ela *passeava* no jardim quando os colegas *chegaram*... Trata-se de um tempo verbal que está em relação com um pretérito perfeito. Este tempo verbal interrompe uma ação que estava a decorrer ou que se não tinha fechado ainda. Por isso se chama *imperfeito*. O seu colega, o pretérito perfeito, como o nome indica, denota uma ação acabada, perfeita: *Fui* ontem ao teatro...

Voltando ao Imperfeito como expressão de cortesia ou delicadeza:

Deves estudar mais; *devias* estudar mais... Qual a diferença? Será aquela que me foi dada pelo empregado do restaurante? Claro que não! No primeiro exemplo, trata-se de

uma *ordem* seca, proferida por um pai que sabe que o filho estuda pouco. No segundo, é um *conselho*, mais delicado, mais amigo, talvez dado por um colega...

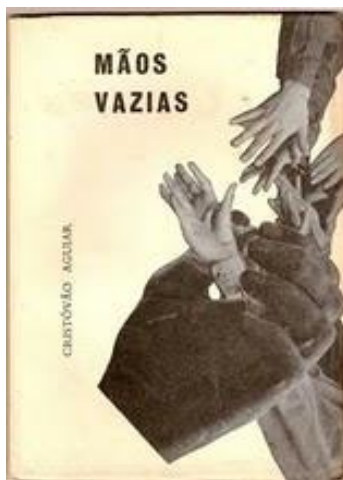
Bico-de-obra diacrítico

Ele há coisas do *arco-da-velha*: o tão *mal-amado* hífen, um *bico-de-obra* diacrítico, vai em breve afundar-se num *banho-maria* até à sua parcial *ab-rogação* logo que entre em vigor o Acordo Ortográfico, também ele em letárgico *stand-by*...

Numa povoação situada à *beira-mar*, onde se vivia em família nem sempre avinda, já ninguém acreditava que a Benedita, que já trintara há muito e se abeirava da casa dos *enta*, viesse a emprenhar e a parir. Tanto o Firmino como a sua *cara-metade* desejavam um filho varão que lhes prolongasse o nome e herdasse os bens, que um “filho é um credor dado pela Natureza”. Há anos a fio que perseguiam esse sonho dourado. Por entre o povo principiou a murmurar-se que, se calhar, a Benedita era maninha. “*Mal-empregada* tanta penitência”, diziam os *habitués* do café *Terra-mar*. A gente *bem-intencionada* e *bem avisada* da freguesia estava de acordo: aquele casal *mal-afortunado* não merecia sorte tamanha! Não obstante, certas vizinhas *mal-avisadas* regozijavam-se com a má sina da Benedita, e em todos os soalheiros da *má-língua* bichanava-se: “muito *benfeito*; assim a presunção não tem o trabalho de lhe trepar àquela *cabecinha-de-abóbora*, pois tudo o que sai das mãos de Deus é muito *bem feito!*”

Ia-se escoando o tempo, e não se vislumbrava rastilho de novidade. Todos os meses, como um relógio de precisão, apareciam-lhe as regras – o incómodo, como também ali se dizia. E todos os meses ficava o sonho de *meia-vida* em *vê-lo-emos*... Extenuado de tanta apoquentação, ocorreu ao *cabeça-de-casal* a *bendita* ideia de ir com a consorte bater ao *pica-porte* de um *sem-número* de médicos especialistas. Gastaram rios de dinheirame em consultas do foro ginecológico e *médico-cirúrgico*, e ao fim de tantas andanças tudo ficou em *águas-de-bacalhau*... Acabaram por desistir, não sem um arrocho de coração. Roxo de mágoa! Até porque os diversos doutores a quem pediram assistência foram sempre *bem-educados* e alguns até deram ténues esperanças. Exceto um deles, um *cara-de-pau* de *má-fé*, que tão longe foi no palavreado, que chegou a tocar as raias da *má-criação*... Mesmo com este e outros contratempos, nunca o casal se deixou abater nem deixou cair os pontos...





MÃOS VAZIAS, COIMBRA, 1965 (COM EMENDAS DO AUTOR PARA SER INTEGRADO NA ANTOLOGIA DA POESIA AÇORIANA, DE PEDRO DA SILVEIRA, LISBOA, SÁ DA COSTA, 1977)

NAVEGADOR DO MAR DAS ILHAS

Eu, Cristóvão Colombo,
Por graça do Senhor
Navegador,
Demandei terra estranha
Ao serviço de Espanha.

Meus dedos
Navegam no mar.
Cinco barcos, cinco destinos,
Em busca da mulher
Das ilhas da memória.

Rompi mares, rompi velas
Em naus de madeira!

Sou de certa maneira

Um Colombo, navegador.
Tenho o mar das ilhas
Na poça das minhas mãos.
Meus dedos são barcos
Rompendo destinos.
Descobri terras,
Plantei padrões de pedra
No cimo das descobertas,
E tornei-me o Senhor
Dos ventos marítimos
E das naus de sal.

Cristóvão Colombo,
Por graça do Senhor
Navegador,
Demandou terra estranha
Ao serviço de Espanha.

Eu, que também sou navegador
(Ou talvez muito mais...)
Eu, que sou o Senhor
Do mar das ilhas da memória
E dos ventos
E das naus
(Eu, que sou dos Cortes Reais)
Descobri por engano
Uma terra estranha,
- Tal qual o Colombo
Ao serviço de Espanha.

SONETOS DE AMOR ILHÉU, COIMBRA, EDIÇÃO DO AUTOR, 1992

O ALARME DAS ILHAS

Para ti o alarme de todas as ilhas
Acordadas nos sinos do vento nordeste

A viagem e os barcos revelando às quilhas
A arte de inventar mais sonho p'ra oeste.

Para ti a lonjura parada das milhas
Tingidas do azul-cobalto que lhes deste
O lamento da chuva chorada nas bilhas
Doídas de abandono em degredo agreste.

Vai meu amor embarca na nau à ventura
Tens as mãos e os dedos e a sede – procura
Mais ilha no teu corpo p'ra eu descobrir.

Irei também contigo depois de florir
Do teu nome apolíneo estilhaçando a tarde
P'ra depor a teus pés uma rosa que arde



Ilha do Pico, 12 de agosto de 2007 — Costuma dizer-se que os Poetas não têm biografia. No caso de Torga assim não acontece. A sua vida constitui o húmus de toda a sua escrita, tanto na poesia, como na prosa (o romance autobiográfico *A Criação do Mundo*, representa o percurso inteiro de uma vida e quem a lê fica ciente de tudo o que respeita ao homem e ao escritor), passando pela diarística (16 volumes), que foi lavourando durante mais de sessenta anos sem descanso. Miguel Torga tinha da escrita uma ideia de sacerdócio. Escrevia por devoção, é certo, mas a pena não lhe deslizava ao longo da página com a desenvoltura dos que se julgam iluminados por uma inspiração que só para eles existia e que em Torga se transmutava numa bica de suor e aflição. A maior parte das vezes, atravessava a noite a “lavar” a página e, no fim, já madrugada, quase manhã, a colheita nunca era proporcional ao trabalho despendido. Muitos exemplos existem no Diário em que o próprio Torga reflete sobre o seu ofício de “lavrador das letras” angustiado e quase desesperado perante a página rabiscada e repleta de emendas. Revia até à exaustão. Nas tipografias onde imprimia a sua obra, sempre em edição de autor, os gerentes recusavam-se a fazer-lhe um orçamento prévio, porque, não raro, revia cinquenta vezes o mesmo exemplar.

Torga não usou sempre este nome. Batizaram-no na igreja de S. Martinho de Anta, onde nascera a 12 de agosto de 1907, como Adolpho Correia da Rocha. Filho de pais pobres, o destino que o aguardava não era lisonjeiro: ou seminarista ou camponês. A Mãe, com quem mantinha uma intensa cumplicidade afetiva, havia de lhe declarar, já depois de homem feito: “Nunca me enganaste, filho; falaste-me na barriga”...

O nome de Miguel Torga havia de surgir em 1934, no livro *A Terceira Voz*, não como heterónimo, tão-só para que houvesse uma distinção entre o médico que iniciara a profissão e o escritor que dava os primeiros passos. Estreia-se, em livro, com *Ansiedade* (1928), que vem a repudiar.

Concluída a quarta classe na sua aldeia, a conselho da Mãe, rumo à cidade do Porto para trabalhar como criado de servir numa casa rica. Não se dá bem a ser lacaio de meninos ou a puxar-lhes o reposteiro nas representações teatrais. Era a revolta a instalar-se! Regressa a S. Martinho e logo depois entra para o seminário de Lamego, onde fica só um ano. O Pai, que não queria dar ao filho a mesma vida que levava, indicou-lhe o caminho — Brasil. Tinha lá um tio a quem mandou uma carta com uma fotografia para que ele o reconhecesse caso fosse esperá-lo à doca. Não obteve resposta. Mesmo assim o pequeno Adolpho, com apenas 13 anos, zarpou para terras de Santa Cruz na companhia de um comerciante que viera à terra em férias.

Afinal, estava o tio à sua espera de fotografia na mão, no fundo do portaló do navio. Reconheceu-o. O comerciante deu por finda a sua missão, e o tio levou-o para a sua fazenda de Santa Cruz, no Estado de Minas Gerais. Era um homem duro e severo.

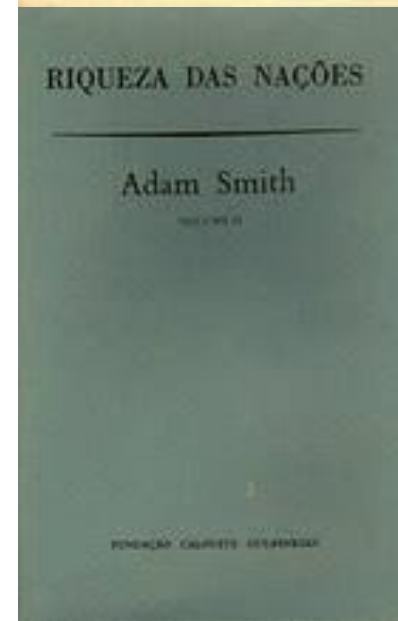
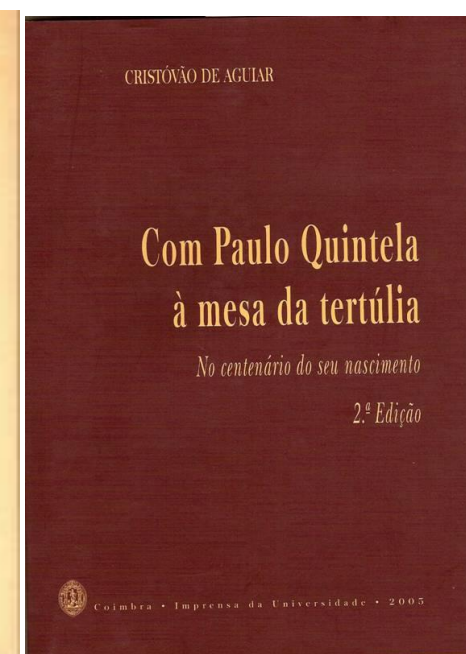
Durante cinco anos, o sobrinho trabalhou que se desunhou. De tudo fazia um pouco, que era muito, sempre pela medida acolhada, tanto que o tio aferiu que estava em presença de alguém da sua têmpora e da sua estirpe. Firme como a rocha do seu sobrenome. Mas não manifestava o que lhe ia no íntimo. Não tinha feitio para desvanecimentos. Se Adolpho trabalhava de manhã à noite, por vezes até horas incivis, não fazia mais que a sua obrigação. Um transmontano não se verga...

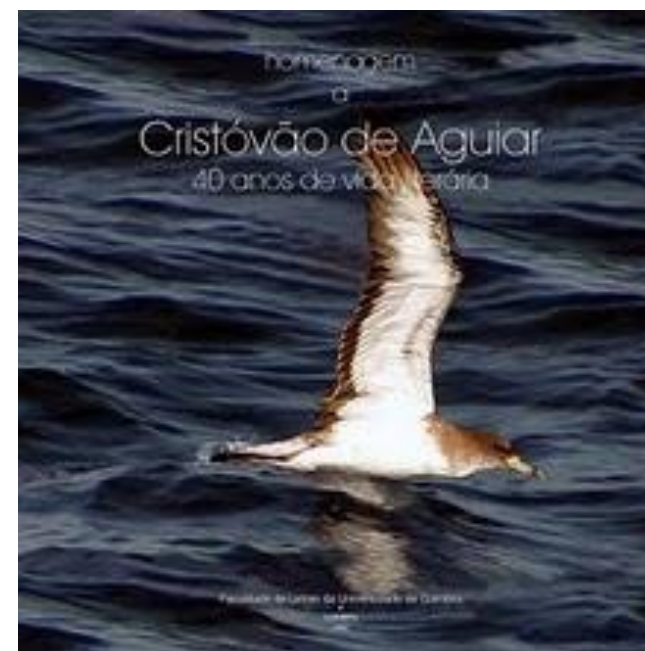
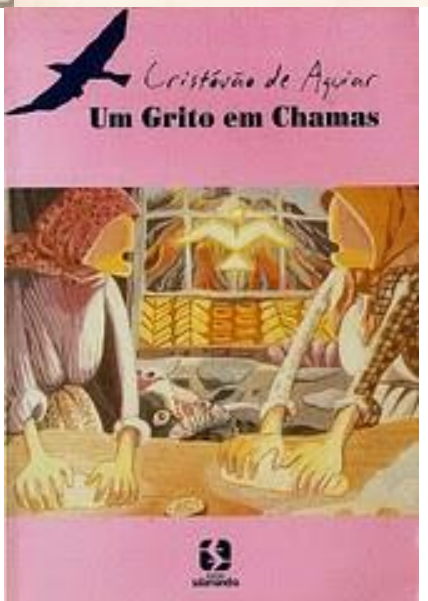
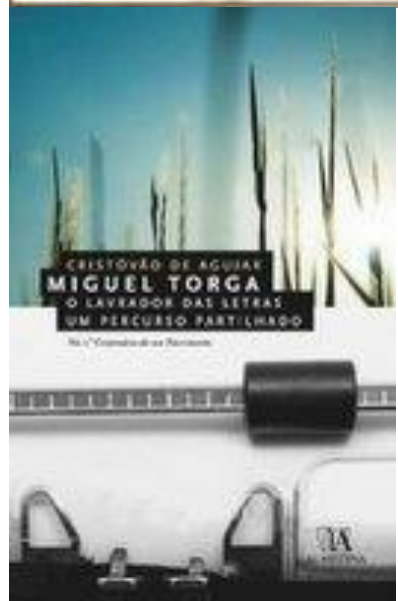
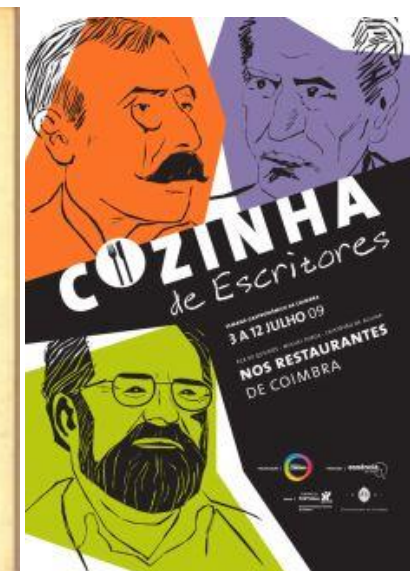
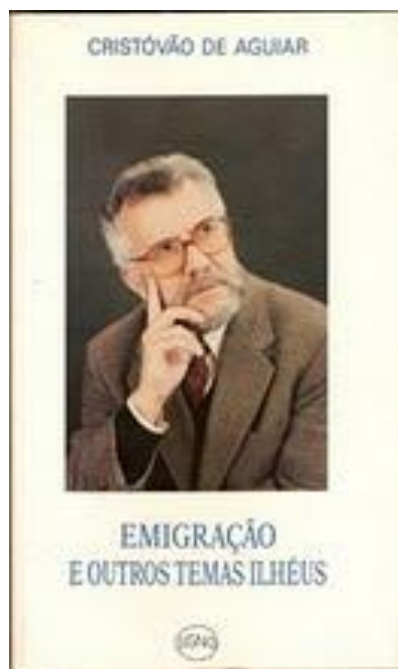
Aos dezassete anos, manda-o matricular no Ginásio Leopoldinense, que frequenta durante dois anos, após o que, como recompensa do trabalho exercido durante cinco anos, dá-lhe a escolher dois caminhos: montar-lhe um comércio no Rio de Janeiro ou pagar-lhe os estudos. Regressa a Portugal, termina o curso dos Liceus em três anos, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina.

Enquanto estudante colabora na revista Presença da qual foi dissidente, em 1930, com Edmundo Bettencourt e Branquinho da Fonseca. A rebeldia de Torga já se manifestava, não se compaginava com escolas literárias. A seguir, fundou duas revistas: Sinal e Manifesto, que têm curta duração.

Em dezembro de 1939, e na sequência da publicação de o quarto dia de A Criação do Mundo, Torga é preso na cadeia de Leiria, onde abriu consultório de otorrino, tendo sido transferido para o Aljube. Aí permanece até 2 de fevereiro de 1940. Escreve na cadeia um dos grandes poemas da resistência portuguesa ao fascismo: "Ariane".

Daí em diante, Miguel Torga traçou o seu próprio percurso. Sozinho. Longe das luzes da ribalta. Morre em 17 de janeiro de 1995, no Instituto de Oncologia, em Coimbra, em plena lucidez de espírito, como se pode ver pelo poema abaixo transcrito. Recebia os amigos e nunca lhes falava da morte próxima. No derradeiro poema do seu último *Diário*, o XVI, com data de 10 de dezembro de 1993, faz esta confissão tão pungente quanto lúcida e arrojada:





(PUBLICADO NO “CORREIO DA MANHÃ”, COM ALTERAÇÕES)

REQUIEM POR MIM

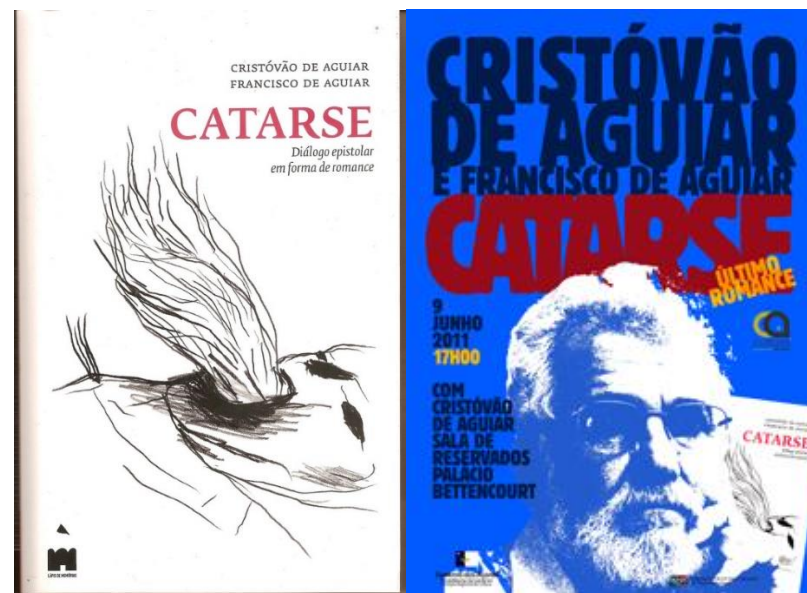
*Aproxima-se o fim.
E tenho pena de acabar assim,
Em vez de natureza consumada,
Ruína humana.
Inválido do corpo
E tolhido da Alma.
Morto em todos os órgãos dos sentidos.
Longo foi o caminho e desmedidos
Os sonhos que nele tive.
Mas ninguém vive
Contra as leis do destino.
E o destino não quis
Que eu me cumprisse como porfiei,
E caísse de pé, num desafio.
Rio feliz a ir de encontro ao mar
Desaguar,
E, em largo oceano, eternizar
O seu esplendor torrencial de rio.*

TEXTO INTRODUTÓRIO AO LIVRO DO MESMO NOME DE DIAS DE MELO

À BOQUINHA DA NOITE POR CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Venho celebrar a natividade de mais uma criatura do escritor Dias de Melo, desta feita batizada com o nome à **Boquinha da Noite**. E um novo livro, tal como mais um filho que vem alargar o rol dos já nados e criados e que ao mundo se foram, traz sempre consigo um fulgor de festa que adorna e adoça a Festa da Vida para que a festa da morte, essa **VIAGEM DO MEDO MAIOR**, se vá retardando em seu festim final. Escrever será o símbolo dessa luta titânica e diária contra a caducidade e o sem sentido da vida, criando ao demiurgo da palavra a ilusão de que o fruto cobiçado da eternidade está ao seu alcance em cada metáfora que constrói e destrói para de seguida a reconstruir ainda com mais frescura, num assíduo tecer e destecer a teia que enreda a vida, para que seja cumprida a esperança de Penélope. Dias de Melo, o Homem e o Escritor. Ambos se casam em tão harmoniosa convivência tal como as **PEDRAS NEGRAS** e o **MAR RUBRO**, que foi a **VIDA**

VIVIDA EM TERRAS DE BALEEIROS – que difícil há de ser cindir um deles em favor ou prejuízo do outro. Destarte, palmilhar os escritos de Dias de Melo é lê-lo na sua inteireza humana, construída de grandezas e misérias, afetos e desafetos, egoísmos e altruísmos. O escritor genuíno é muito atreito a dores de solidão. O ato criativo, tal como o nascer e o morrer, é o mais solitário, é o mais solitário da vida, ninguém pode ajudar, situa-se sempre numa madrugada em face do papel em branco, a água a ferver na cafeteira sobre a trempe no canto do lar, o tabaco no cachimbo, e a pergunta permanente engatilhada nos mecanismos da mente: O que vou escrever neste longo **INVERNO SEM PRIMAVERA**? E a escrita sem se revelar, naquele jogo do mostra esconde, erótico, e o escritor meditando tenho **PENA PELA E SAUDADES DE MIM**, de quando eu lhe segredava a ela, na **NOITE SILENCIOSA**, logo descia a calma luz de seus olhos sobre a **CIDADE CINZENTA** da página, em **TOADAS DO MAR E DA TERRA**, depondo uma **ESTRELA NAS MÃOS** do **MENINO QUE DEIXOU DE SER MENINO**... Não deixou, nem pode. O menino continua. Escondido, mas existe. Ai do escritor se não continuar a ser menino a tempo inteiro. Só assim conseguirá o homem nele encarnado fazer peito a todo o **MAR PELA PROA** que a existência lhe reservou, para que possa **REVIVER NA FESTA DA VIDA A FESTA DA MORTE**, em asas de **LONA OU DE ALUMÍNIO**, não importa, a viagem continua, agora de regresso à **BOQUINHA DA NOITE**, a hora de todos os feitiços e encantamentos.



TEXTO IN CATARSE, DIÁLOGO EPISTOLAR EM FORMA DE ROMANCE, DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR E FRANCISCO DE AGUIAR, ED. LÁPIS DE MEMÓRIAS,

O computador já está instalado no meu novo apartamento. O endereço eletrónico continua o mesmo. Mal o técnico acabou de sair, fui logo à caixa do correio espreitar se havia correspondência. Havia. Como era de prever, a mensagem de estreia foi a tua... Estou gostando de viver no novo apartamento. Tenho a bem dizer tudo arrumado, falta-me apenas instalar a aparelhagem. Sinto-me cansado, mas bem-disposto. Vou agora à festa de formatura dos finalistas do meu Liceu.

A carta que acabo de ler deixou-me animado por estares a adaptar-te ao teu novo cantinho, *the corner of your own*. Ao mesmo tempo, teve o condão de me pôr à tona da memória uma girândola de lembranças, meio desvanecidas, mas latentes, ligadas a casas e respetivas mudanças e suas complicações. Não te admires, pois, que a minha resposta tenha o comprimento da *Vista Grande*, única reta comprida da estrada velha, que nos levava, às curvas, até à Cidade...

A tua permuta de residência e de cidade deve ter sido a melhor e mais assisada decisão que tomaste nestes últimos anos. Tornava-se insuportável e depressivo viver, durante cerca de quatro décadas, na mesma cidadezinha onde tanto sofreste quer física quer psicologicamente!

Põe-te agora enchendo a tua nova residência de entusiasmo, apaga da lembrança do casarão de que te desfizeste, envia-o de foguetão para moirama, e verás que és capaz de aprofundar ainda mais o teu gostar desta. A casa é o nosso espelho, ou, como diz um provérbio inglês: *An English man's home is his castle...* E a tua nova residência situada fora do alcance de lembranças massacrantes, não inquinada por amargos de boca nem de espírito, deverá passar a ser o teu refúgio... Não pendures, nas paredes, retratos dos fantasmas que te atormentam. Arruma os teus pertences devagar, tarefa mui calmante, coloca os livros ao alcance da mão e da mente. Far-te-ão agradável companhia, silenciosa (melhor ainda), quem sabe se te não oferecerão uma afetuosa intimidade, precisamente por serem por natureza cegos, surdos e mudos. Num aperto mais agudo de solidão, sabes que se encontram ali às tuas ordens e, em qualquer instante, poderás fazer-lhes as perguntas mais disparatadas, que eles se não melindram, nem ficam amuados se as tuas visitas forem espaçadas. Não regam a flor do ciúme. Nem tão-pouco se dão à má-língua. Por índole e ofício, são tolerantes, nunca protestam. Se alguma recordação de pendor mais arroxado te bater inesperadamente à porta, transforma-a em saída rápida e ausenta-te: anda a pé, vai à piscina, evoca uma lembrança agradável e pede-lhe que expulse a ruim... Estou certo de que esta permuta de casa e de cidade será o limiar de uma nova fase da tua vida. Saboreia-a em plenitude. Ao abrires a porta, não te esqueças de limpar os pés, para que não entre lá para dentro nenhum cisco resiliente da memória perturbada. Difícil? Sem dúvida! Mas o impossível não está, nem nunca esteve, domiciliado no reino da vontade.

Deves lembrar-te de que me ligaste na véspera da tua mudança. Lembras-te com certeza. Tocada de sombra, a tua voz não me enganou. Senti-me perturbado: pressenti uma recaída de última hora... Sofreei-me a tempo, não podia revelar-te, pela entonação da minha, a inquietude subitânea que me havia invadido.

Desabafaste: “Já tenho na cave um monte com o recheio que tenciono levar comigo; muitas das bugingangas, sobretudo louças, dei-as a quem as quis levar; outras, deitei-as fora; amanhã de manhã, o camião das mudanças carrega tudo de uma vez só; mas, e não sei por que razão, já sinto saudades e uma negrura no peito...”

Tremi! Antes que continuasses a desfiar as contas do teu rosário, atalhei, gracejando, ou fingindo que tal: “Saudades de quê? Não me digas que estás com a síndrome do presidiário que, ao ser libertado, sente saudades da própria prisão!”

Respondeste: “Não é disso que se trata; deixo tudo sem pena; o que me custa é deixar os Pais, sozinhos, no cemitério; ia visitá-los quase todos os dias, desabafava junto à sua campa; agora vou para mais longe, e não sei se posso vir cá tantas vezes quanto desejava...”

Retorqui que estavas a incubar uma angústia, como quem choca um furúnculo em parte melindrosa. Perguntei-te quanto demoravas na viagem entre uma cidade e a outra. Respondeste-me, e eu fiquei boquiaberto: “Disseste mesmo um quarto de hora/vinte minutos, ou ouvi mal? Só? Oh, caramba, até parece que te não encontras há mais de quarenta anos na terra dos *mechins*!”

Alguns dos familiares mais chegados tendiam a sofrer de graves estorvos psicológicos, sempre que mudavam de casa. Lembras-te da Maria Manuela, a Mané, filha da tia Maria da Ascensão? Antes de zarpar para a América, mudou-se sete vezes de casa! Parafraseando o Poeta Manuel Alegre, dir-se-ia que andava *em demanda da casa que não há...*

Tive alguma sorte em ter ficado de fora de tal consumição hereditária: só o fantasma da vivenda do *Alto da Granja* me perseguiu, durante largo tempo, particularmente em sonhos e pesadelos... Afinal, com meia dúzia de idas lá a cima, manhã cedo, fazer corrida, enfrentei o espetro que me roía as vísceras mais nobres e, pouco a pouco, apagou-se-me o espetro da memória afetiva. Fiquei exorcizado da aparição impertinente.

Antes disso, e ainda estudante, havia mudado de quarto e de rua pelo menos três vezes e não estranhei... A minha casa na Ilha, sobranceira ao mar e defronte de outra Ilha, serviu-me de *ersatz*, ou, se preferires, de placebo...

A Mãe, nestas situações, sofria em sustenido...

Se tinha de mudar de casa, caldeava-nos o juízo. Ainda na Ilha, consumou-se a saída da morada da Rua do Visconde. O Pai mandara dizer que tencionava construir uma nova, com a oficina à ilharga, sempre seria mais conveniente e evitava as grandes constipações que contraía por ter de percorrer, quente da forja, o caminho até chegar a casa.

Comprou-se a casa velha do Ti Sabino, acabado de morrer, e ainda outra, pegada pelo

lado de baixo, a Norte, antiga mercearia, que, depois de esboralhada, viria a ser o Largo da oficina.

Reatando o fio à lembrança, cujo novelo ficou caído à entrada da fábrica de tapetes, onde sofreste física e psicologicamente por, aos dezasseis anos, estares já labutando numa fábrica de tapeçaria sem que uma luzinha te alumiasse o caminho da dianteira. Engoliste muito, sobretudo as humilhações e amargos de boca provindos de certos patrícios emigrantes, tarimbeiros de muita ronha e teus companheiros de fábrica e de destino... Achavam-se no direito de praticar aquela arrogância gratuita de quem nunca aprendeu a compaixão: sorte de praxe em que os novatos são vilipendiados e reduzidos à sua condição animal. As feridas que daí se originam ficam para sempre esculpidas nos segredos do íntimo por mais que o tempo se encarregue de as cicatrizar!

Em tais circunstâncias deves ter ficado de espírito sujo, desordenado, quezilento, repisando, em cadência endiabrada, aquela *falagem* que a Mãe escutava no *disco riscado da memória*, como pinturescamente dizia, no momento em que crise depressiva emitia os primeiros sinais da grande tormenta que se avizinhava.

O Pai também chegou a ser humilhado, ou tuteado, como se diz na Ilha, por dichotes e palavras menos respeitadas. Os operários da oficina aonde entrou dois dias após a chegada da Ilha zombavam: “Eh, mestre Bernardo, aqui tu és como os outros, não penses que te vão tratar como em Santa Luzia; agora, acabou-se: é tu cá, tu lá...” Não se acabou...

Um dia, ainda muito no início, saiu da oficina muito mais tarde, já muito alpardusco. Ao regressar a casa (nessa altura moravam com o tio Martinho), equivocou-se no dédalo das ruas e extraviou-se. Nervoso e desorientado, maldisse da vida, dos padres, do governo de Salazar, que o tinha obrigado a emigrar para a América – a cantilena que nos ensinou a soletrar desde a infância... Sabia que não nascera com sentido de orientação, por isso arranjava um ponto de referência – uma pedra redonda, enorme, a servir de ornamento no *yard* de uma vivenda. Por ela se guiava. Saía de casa, a manhã ainda recolhida, e ela servia-lhe de companheira que lhe sinalizava o caminho de ida e volta. Ao sair da oficina, nesse dia de trabalho extra, já um maciço manto de nevoeiro descera sobre a Vila. Pouco se enxergava. Passou pelo rochedo sem dar conta. Seguiu em frente e, em vez de voltar à direita, cortou à esquerda, ou vice-versa.

Na proporção que caminhava, uma voz bichanava-lhe que andava mesmo perdido, em todos os sentidos, na terra da América. Com o medo a subir, como o mercúrio no termómetro, e a desesperança tomando conta dele, vieram-lhe as lágrimas aos olhos: não sabia se havia de pedir socorro, se sentar-se no lancil do passeio à espera que a antemã se derramasse pelo bico de um galo. (Os galos mais cantadeiros são, não raro, proibidos no *God's Country*: os americanos e alguns lusos mais assimilados não gostam de ser perturbados ou interrompidos, no sono, pelo cantar do mensageiro do amanhecer... Fazem queixa à polícia).

Nesta arredouça andou ele até passante da meia-noite. A Mãe, em casa, apoquentada,

pressagiava desgraça... O tio Martinho achou que se não devia chamar a polícia, seria um alevante e ninguém precisava saber que o mestre Bernardo andara sumido, sem dar com o caminho de casa...

Por volta da uma da manhã, principiou o nevoeiro a levantar-se. Mais confiante e sereno, ficou certo de que, mais cedo ou mais tarde, daria com o caminho... De súbito, olhou para o lado e verificou que estava em frente do *yard* de onde se via a pedra amiga e companheira... Sentiu um alívio: a enxaqueca havia subitamente estancado. Em menos de um quarto de hora, já estava a chegar a casa. Todos o esperavam, aflitos, sentados no quarto do fogão, a cozinha, como se estivessem assistindo a um velório, sem o morto ter ainda saído do camarim onde os especialistas da funerária fazem a toaleta e alindam os cadáveres.

Já lhe acontecera um caso análogo na Ilha de Santa Maria. Nesse tempo, trabalhava no Aeroporto para os Americanos. Num sábado à noite, após receber a fêria da quinzena, resolveu ir dar uma volta, a pé, para se distrair. Caminhou pelas cercanias do campo de aviação, chegou perto de Vila do Porto e, num lugar sossegado, sentou-se a descansar. Amava o silêncio e a sua voz de ouro. A noite estava de luar, via-se como se fosse dia. A Natureza ia ao encontro do seu desejo. Gostava de meditar sobre a vida, os filhos, a Mulher, longe e perto, na outra Ilha em frente (milagre avistar-se), a cinquenta e poucas milhas de lonjura.

Por um hábito natural, apalpou o bolso de trás das calças. Não deu razão da carteira... Sentiu a loucura invadindo-lhe o cada vez mais derramado juízo. De novo se sentou sobre o cepo de castanheiro. Três vezes respirou fundo... Logo, logo, principiou a desbobinar-se-lhe, na mente, o filme da sua vida, tal como ao moribundo antes de expirar... Desanimado, pedia ao céu estrelado que o ajudasse a achar a carteira sumida; nela guardara o dinheiro molhado de muito suor. Na segunda-feira, iria enviá-lo, por vale postal, para Santa Luzia.

Já era tarde. A noite pontilhada de estrelas, e alheia às amarguras humanas, persistia enovelando luar na dobadora do céu. A custo se ergueu do assento do cepo. Estava por tudo... Desanimado, consultou o relógio. Boas horas de regressar ao Aeroporto, onde o resto da noite seria mal ou não dormida, recostado de papo para o ar, no beliche de uma caserna de zinco canelado, em forma de tampa de baú, quinhoadas com dezenas de outros operários migrantes. Antes de iniciar a caminhada de regresso, olhou para trás... Não queria acreditar nos seus olhos: apercebeu-se da carteira, caída, junto ao cepo em que se sentara.

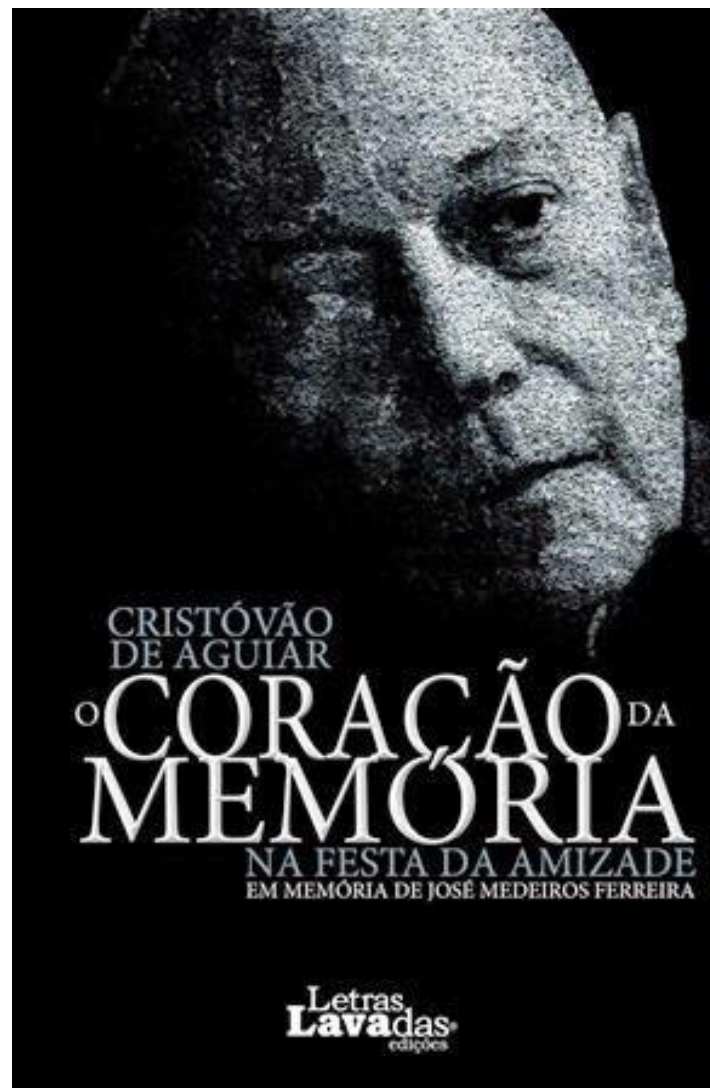
Logo depois, recebeu a Mãe uma carta onde era descrito o passo ponto por ponto. Ficou toda a família ciente do que sucedera. A desgraça era um bom pé de conversa nos serões entrados pela noite dentro... Do pedestal do seu traquejo taumatúrgico, garantiu tia Salema, a Papisa, que era um milagre muito importante. Mandou logo celebrar uma missa de Ação de Graças, um pouco inferior ao *Te Deum*, muito dispendioso para a sua

bolsa. À missa, toda a família teve de assistir. O senhor padre, santo sacerdote na linguagem da tia Papisa, cobrou os cinco escudos da tabela eclesiástica em vigor, mas fez um ligeiro abatimento por ser para quem era – a melhor devota da paróquia de Santa Luzia.

CÃES LETR ADOS

Cristóvão de Aguiar

Desenhos de:
André Caetano



CICLONE DE SETEMBRO

CRISTÓVÃO DE AGUIAR

CONVITE

A Editorial Caminho tem o prazer de convidar V. Ex.^a e Família para uma sessão sobre o romance de Cristóvão de Aguiar *CICLONE DE SETEMBRO*, que terá lugar no dia 25 de Março pelas 18.30 h, na Casa dos Açores, Rua dos Navegantes, N.º 21, em Lisboa.

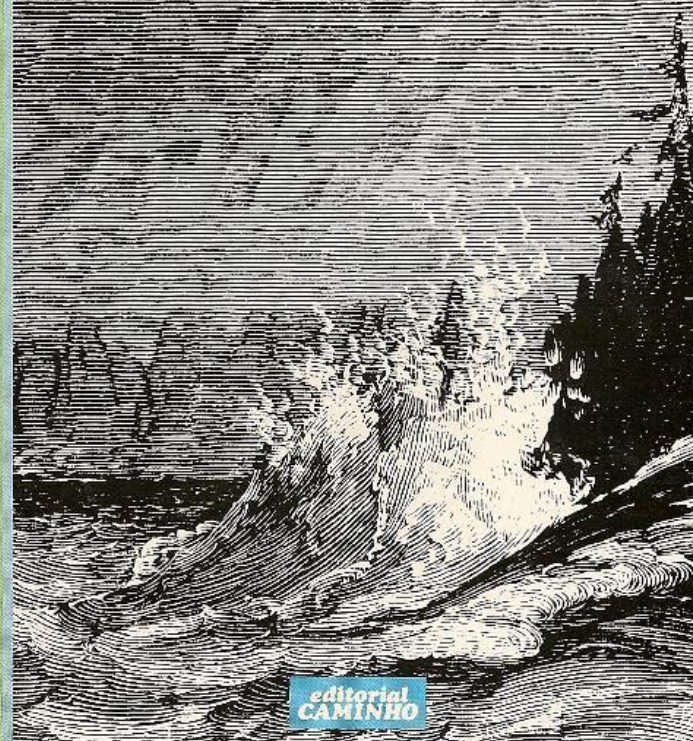
Na sessão, que tem a colaboração da Casa dos Açores, estará presente o autor e a escritora Natália Correia que falará sobre o *CICLONE DE SETEMBRO*.

Seguir-se-á um beberete.



CICLONE DE SETEMBRO

CRISTÓVÃO DE AGUIAR



editorial
CAMINHO

o Campo da Palavra

EM 2009 COM O AUTOR NUMA SEMANA DE TERTÚLIA INTENSA NA ILHA DO PICO





NUMA VISITA GUIADA NA CALHETA DE NESQUIM À CASA DE JOSÉ DIAS DE MELO



NUMA VISITA GUIADA NA CALHETA DE NESQUIM À CASA DE JOSÉ DIAS DE MELO



EM 2009

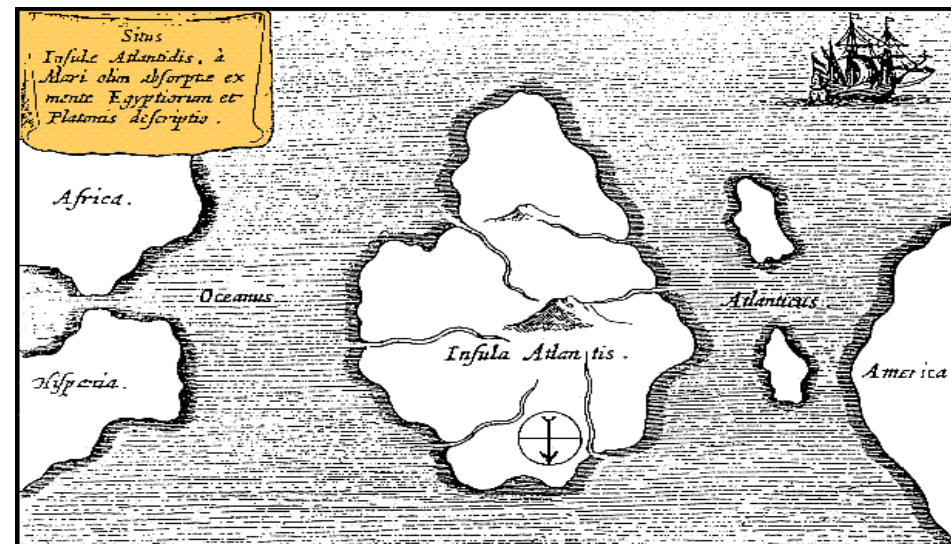


UM GUIA MUITO ESPECIAL PELO CABRITO, CACHORRO, LAJIDO





**CADERNOS
AÇORIANOS**
**CADERNOS DE
ESTUDOS AÇORIANOS**
**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**



CADERNO Nº 1 Edição março 2010

DEDICADO A CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Chrys Chrystello editou este número

COORD. Helena Chrystello e Rosário Girão

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

- Revisto janeiro de 22